



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Arthur Will Tocchetto de Oliveira

Georg Knoll: um intelectual prussiano nos trópicos

Florianópolis

2025

Arthur Will Tocchetto de Oliveira

Georg Knoll: um intelectual prussiano nos trópicos

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Oliveira, Arthur Will Tocchetto de
Georg Knoll : um intelectual prussiano nos trópicos /
Arthur Will Tocchetto de Oliveira ; orientador, Paulo
Pinheiro Machado, 2025.
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. História. 2. Modernização agrícola. 3. Imigração
alemã. 4. Primeira República. I. Machado, Paulo Pinheiro.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos três dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e cinco, às quatorze horas, na sala dez do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Paulo Pinheiro Machado, Orientador e Presidente, pelo Professor João Felipe Alves de Moraes, Titular da Banca, e pelo Professor Henrique Espada Lima Filho, Suplente, designados pela Portaria nº 41/2025/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Arthur Will Tocchetto de Oliveira, subordinado ao título: **“Georg Knoll: um intelectual prussiano nos trópicos”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o candidato foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Paulo Pinheiro Machado a nota final 10, do Professor João Felipe Alves de Moraes a nota final 10, sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia dez de dezembro dois mil e vinte e cinco. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 3 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Paulo Pinheiro Machado

Prof. João Felipe Alves de Moraes

Prof. Henrique Espada Lima Filho

Candidato Arthur Will Tocchetto de Oliveira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Arthur Will Tocchetto de Oliveira matrícula n.º 21102564, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Georg Knoll: um intelectual prussiano nos trópicos, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 8 de dezembro de 2025.

Orientador(a)

À Vitorina Tocchetto, quem me ensinou a ler
as letras e o mundo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso é o último ato que tomo como estudante de graduação e, ao escrevê-lo, me pego refletindo sobre o encerramento deste processo que durou cinco (e rápidos) anos. Entendo que o fim deste ciclo é fruto não apenas do meu trabalho e esforço, mas de uma comunidade de pessoas que me acolheu, incentivou e possibilitou que eu estivesse hoje nessa posição. Por isso, eu gostaria de agradecê-los.

Agradeço à minha avó Vitorina, com seus olhos de hortênsia, que me ensinou a ler minhas primeiras palavras. A essa professora que primeiro despertou em mim o interesse pela educação.

Agradeço a meu pai, Renato, pelo carinho que sempre demonstrou comigo, do jeitinho dele, e pelo senso crítico e incentivo ao espírito investigativo, que penso ser uma das maiores heranças dele que levo comigo.

Agradeço à minha mãe, Terezinha, pela paciência, o amor e seu apoio incondicional por todas as minhas escolhas.

Agradeço à Julia, minha irmã, que me levava junto dela às suas pesquisas no Arquivo Público, inspirando em mim o interesse no ofício de historiador.

Agradeço também à Mariland pelo carinho e o espírito de cuidado que sempre teve comigo.

Agradeço à Hortênsia e à Marina, por terem me acompanhado em toda essa caminhada, pelo acolhimento, a companhia e o carinho.

Agradeço à Ana, Marina Pacheco, Éric e todos os demais amigos que me acompanharam nessa caminhada.

Agradeço ao professor Paulo Pinheiro Machado, por sua orientação, gentileza e pela parceria.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Departamento de História pela formação que me proporcionaram, com votos de esperança de que se mantenha o espírito da universidade pública, gratuita, de qualidade e autônoma. Que ela continue formando cidadãos ativos e conscientes para a construção da democracia, da liberdade, da equidade e de uma nação que tenha por base, verdadeiramente, o seu povo.

Brasiliade

*Ich grüsse dich. du heilig Land' Cruzeiro
Einst Santa Cruz, entdeckt von Lusitania,
Erhaben steigst du empor aus dem Meere,
Dem Paradis vergleichbar das ich ahne,*

...

*Wo die Natur zum Füllhor sich erhoben,
Wo ohne Sorgen frohe Völker wohnen
Von Mannigfaltigkeit so reich umwoben-
Du üppiges Reich, du wundebar Gefilde,
Du Land der einundzwanzig Stern im Schilde.*

Saúdo-te, terra sagrada do Cruzeiro
Outrora Santa Cruz, descoberta pela Lusitânia,
Ergueste-te majestosamente do mar,
Comparável ao paraíso que imagino,

...

Onde a natureza se ergue como uma cornucópia,
Onde povos felizes vivem sem preocupações
Envoltos em tanta diversidade,
Tu, reino exuberante, tu, campo maravilhoso,
Tu, terra das vinte e uma estrelas no escudo.

(KNOLL, Georg. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, São Leopoldo: Rodermund & Co., 1898, p. 47-48).

RESUMO

Este trabalho consiste na realização do perfil biográfico de Georg Knoll, com o objetivo de reconstruir sua trajetória, explorar sua experiência acadêmica na Alemanha e compreender o papel desempenhado por este personagem no projeto de modernização agrícola capitaneado pelo Estado brasileiro e distintos governos catarinenses. Georg Knoll nasceu em Kronberg, no Ducado de Hesse-Nassau, atual Alemanha. Lá, estudou na Real Instituição de Ensino para Fruticultura e Viticultura em Geisenheim, entrando em contato com a ciência agrícola moderna. Imigrou para o Brasil em 1880, atuando como professor colonial em Blumenau. Após lutar na Guerra Federalista ao lado dos republicanos, foi indicado para diversos cargos públicos, como o de professor municipal e estadual em Campos Novos e promotor público em Curitiba, Palhoça, Chapecó e Cruzeiro (atual Joaçaba). Muito conhecido por sua contribuição literária em almanaques e jornais em língua alemã no Brasil, Knoll também atuou política e intelectualmente, publicando em jornais e envolvendo-se em eleições. Este era um contexto de afirmação de políticas modernizantes pautadas pelo racionalismo e o cientificismo que se traduziu também em uma série de políticas modernizantes no campo, visando construir uma agricultura que seguisse um método científico e fosse economicamente interessante. Em sua atuação em diferentes lugares, Knoll atuou em defesa dessas políticas em seu discurso e sua prática, adquiriu uma sólida posição no aparato de Estado e foi um importante ator deste projeto em locais de expansão da fronteira agrícola e da colonização. Para lançar luz e permitir uma interpretação da vida do sujeito estudado dentro de seu contexto, optou-se por realizar um perfil biográfico a partir de um levantamento de fontes documentais e publicações acadêmicas relativas à escola de Geisenheim, um texto autobiográfico e de diversos veículos de imprensa que possibilitaram vislumbrar a atuação do personagem em diferentes espaços e momentos.

Palavras-chave: Trajetória; Imigração alemã; Primeira República; Modernização agrícola.

ABSTRACT

This work presents a biographical profile of Georg Knoll, with the aim of reconstructing his trajectory, examining his academic experience in Germany, and understanding the role he played within the agricultural modernization project promoted by the Brazilian State and by different governments of Santa Catarina. Georg Knoll was born in Kronberg, in the Duchy of Hesse-Nassau, in present-day Germany. There, he studied at the Royal Institution for Education in Fruit Growing and Viticulture in Geisenheim, where he came into contact with modern agricultural science. He immigrated to Brazil in 1880, working as a colonial schoolteacher in Blumenau. After fighting alongside the Republicans in the Federalist Revolution, he was appointed to several public positions, such as municipal and state schoolteacher in Campos Novos and public prosecutor in Curitiba, Palhoça, Chapecó, and Cruzeiro (now Joaçaba). Widely known for his literary contributions to German-language almanacs and newspapers in Brazil, Knoll also played significant political and intellectual roles, publishing in the press and participating in electoral processes. This unfolded within a broader context in which modernizing policies, guided by rationalism and scientificism, were being consolidated, including a series of reforms targeting the countryside, aimed at building an agriculture grounded in scientific method and economic efficiency. In his work across different regions, Knoll defended these policies in both discourse and practice, secured a solid position within the state apparatus, and became an important actor in this modernizing project in areas undergoing agricultural expansion and colonization. To shed light on and contextualize the life of the individual studied, this research develops a biographical profile based on documentary sources and academic publications related to the Geisenheim school, on an autobiographical text by Knoll, and on various newspaper sources that made it possible to trace his actions across different spaces and moments.

Keywords: Trajectory; German immigration; First Brazilian Republic; Agricultural modernization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EFSPRG	Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande
MAIC	Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio
SPILTN	Serviço de Proteção ao Índio e Localização do Trabalhador Nacional
SNA	Sociedade Nacional de Agricultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 DAS FONTES UTILIZADAS	15
2 DA SUA JUVENTUDE: ENTRE NASSAU E A PRÚSSIA	19
2.1 INÍCIO DA VIDA E CARREIRA: O PALMERGARTEN	19
2.2 FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: GEORG KNOLL EM GEISENHEIM	19
2.1.3 As ciências agrícolas e a modernização alemã	24
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA VIVÊNCIA NA ALEMANHA	28
3 GEORG KNOLL NO BRASIL	30
3.1 UM PRUSSIANO NO SUL DO BRASIL	30
3.1.1 Georg Knoll em Blumenau: um personagem teuto-brasileiro	30
3.1.2 Sua atuação política: Lages, Campos Novos e a Guerra Federalista	34
3.2 CURITIBANOS: ALIANÇAS E CONFLITOS	36
3.2.1 Sua atuação no município	36
3.2.2 Georg Knoll no jornal O Trabalho: em defesa da agricultura moderna	38
3.2.3 Os Knoll e a crise em Curitiba	49
3.2.4 “Aos meus poucos desafetos, desejo milhares de felicidades”: Uma breve passagem por Palhoça	52
3.2.5 “O diabo que more em Curitiba”: de volta ao Planalto	54
3.3 GEORG KNOLL NO OESTE	56
3.3.1 De Chapecó a Cruzeiro	56
3.3.2 Da sua atuação em Cruzeiro, volta a Chapecó e aposentadoria	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61

1 INTRODUÇÃO

Georg Knoll nasceu no Ducado de Nassau, no ano de 1861. Filho de professores, trabalhou no Palmergarten de Frankfurt, jardim botânico detentor de uma série de espécies tropicais. Depois, em 1878, ingressou na Real Instituição de Ensino para Fruticultura e Viticultura em Geisenheim, no Estado da Prússia do Império Alemão. Por motivos de saúde, emigrou para o Brasil em 1880, estabelecendo-se em Blumenau, Estado de Santa Catarina. Lá, atuou como professor colonial. Teve uma participação importante nos almanaques em língua alemã e na produção literária teuto-brasileira, dedicando-se à poesia como forma de representar a exuberância da natureza que cercava as colônias. Mais do que isso, louvava o trabalho do imigrante que, pondo essa natureza a seu serviço, gerou riqueza para si e para sua família, construindo uma nova pátria. Integrando-se à política catarinense, em especial após sua participação na Guerra Federalista, foi nomeado professor em Campos Novos. Posteriormente, atuou como promotor público. Primeiro em Curitiba, depois em Palhoça, Chapecó, Cruzeiro (atual Joaçaba) e, por fim, novamente em Chapecó, onde se aposentou e residiu até sua morte em 1949.

Georg Knoll foi um personagem emblemático em vários sentidos. Sua contribuição à literatura em língua alemã no Brasil envolveu sua figura e sua trajetória em estudos diversos. Alguns exemplos são os trabalhos de Giralda Seyferth (2004) e Valburga Huber (2007) ao tratar da literatura teuto-brasileira como fazer identitário, étnico e cultural teuto-brasileiro. Também os trabalhos de Ingart Grützmänn Bonow acerca dos almanaques em língua alemã no Brasil, sua importância e seus usos para as comunidades teutas (Bonow, 2006), bem como sua análise acerca da poesia de Georg Knoll, publicada nesses almanaques com seu elogio à natureza brasileira (Bonow, 1992).

O autor deste Trabalho de Conclusão de Curso, porém, não o conheceu por sua poesia, mas sim por seus artigos de opinião. Em suas diversas contribuições para o jornal *O Trabalho*, órgão do Partido Republicano Catarinense em Curitiba à época em que era promotor público, Knoll ecoou um discurso contundente em defesa de políticas modernizantes para a agricultura brasileira e curitibanense. Ele advogava em prol de uso mais eficiente e racional da terra pelos agricultores, guiado por um método científico e que possibilitasse a produção de culturas lucrativas que permitissem o suprimento dos mercados e um enriquecimento da região e do país. Além do mais, colocava-se a favor da imigração estrangeira, junto dessas medidas, como forma de “popular” e tornar produtivos os sertões.

Este primeiro contato motivou a que se realizasse uma investigação acerca da vida deste sujeito a partir deste outro ângulo, ainda pouco explorado na existente bibliografia, enquanto promotor das políticas de modernização agrícolas. Para além disso, entendendo que o jornal *O Trabalho* era dirigido pelo superintendente municipal e tinha evidente tez oligárquica, bem como levando em consideração sua indicação enquanto promotor público, foram suscitadas algumas questões: qual era e como se deu sua inserção dentro da máquina política catarinense, marcada à época pelo regime coronelista? Qual foi o papel exercido por Georg Knoll na promoção e aplicação de políticas modernizantes para a agricultura? De que maneiras a experiência de Georg Knoll na Alemanha e sua formação em Geisenheim podem ter influenciado sua visão de mundo e sua atuação no Brasil?

Para responder a essas questões, o presente trabalho opta por realizar um perfil biográfico, seguindo a trajetória de Georg Knoll desde sua vivência na Alemanha, onde primeiro se envolveu com a ciência e a prática moderna da agricultura, até o Brasil, passando por sua atuação enquanto funcionário público ao longo dos anos. Tal abordagem consiste, como exposto por Giovanni Levi (2006), em uma espécie de “biografia e contexto”, ou seja, em perseguir a vida do sujeito de perto, buscando compreender acontecimentos e as ações do sujeito mediante à reconstrução de seu meio social. Nesse sentido, reconhecendo a necessidade, como assinalado por Pierre Bourdieu (2006), de abordar a história de vida tendo em vista a “superfície social”, o contexto em que o sujeito age e está inserido, influenciando suas ações, decisões, sua visão de mundo e seu *habitus*. Desta forma, rejeitando a ideia do trabalho biográfico enquanto simples sucessão de acontecimentos e decisões do sujeito isolado da vida social, o que Bourdieu (2006) denominou “ilusão biográfica”.

Nesse sentido, este trabalho visa compreender, a partir da construção de um perfil biográfico, sua trajetória enquanto profissional e teórico da agricultura moderna e promotor público, sua inserção e o papel exercido por ele dentro do regime coronelista em Santa Catarina e na promoção do projeto de Estado da modernização do campo como parte de um processo de construção da nação “por cima”, uma modernização conservadora capitaneada pelas elites. Além disso, busca traçar paralelos entre o discurso e a ação de Georg Knoll no Brasil e sua vivência em Geisenheim.

Dessa maneira, o primeiro capítulo buscará compreender e analisar o contexto vivido por Georg Knoll no início de sua vida e carreira na Alemanha e sua passagem pelo Palmergarten de Frankfurt e a Real Instituição de Ensino para Fruticultura e Viticultura em Geisenheim, buscando elementos que permitam reconstituir aspectos de sua vida e levantar de

que maneira essa vivência influenciou sua visão de mundo e sua compreensão das ciências, da economia e educação agrícola.

Já o segundo capítulo explora sua passagem pelo Brasil. Primeiro, busca situá-lo no contexto da imigração alemã e da construção das comunidades teuto-brasileiras, bem como verificar as relações tecidas por ele a partir de sua chegada tendo em vista sua produção literária. Depois, é tratada sua inserção na política catarinense, primeiro em Campos Novos, depois Curitibanos, Palhoça, Chapecó e Cruzeiro, visando compreender seu papel dentro da política catarinense, as relações construídas por ele, bem como sua atuação enquanto intelectual e ator das políticas de modernização agrícola em Santa Catarina.

1.1 DAS FONTES UTILIZADAS

Para construir o perfil biográfico foi necessário realizar um levantamento de fontes diverso e amplo, tanto para verificar a passagem de Georg Knoll pelas diversas localidades onde trabalhou e viveu, como também para possibilitar uma interpretação consistente de seu contexto e verificar sua atuação sobre ele. Para fazer este levantamento, foram consultados diversos acervos físicos e digitais, tanto brasileiros, como o Arquivo Histórico do Instituto Martius Staden, a Hemeroteca Digital de Santa Catarina, a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, quanto alemães, como a Bayerische Staatsbibliothek (Biblioteca do Estado da Baviera) e o Stadt- und Hochschularchiv Geisenheim (Arquivo Municipal e Universitário de Geisenheim). Além disso, foram levantadas fontes escritas tanto em língua alemã quanto em língua portuguesa.

Com relação às fontes em língua alemã, foram importantes aquelas consultadas no Arquivo Histórico do Instituto Martius Staden. Apesar do arquivo não ter digitalizado seu acervo, o instituto se disponibilizou a digitalizar um certo número de fontes catalogadas após o contato realizado pelo autor. Para este trabalho, ressalta-se a matéria *Georg Knoll: ein deutsche dichterleben in brasilien*, publicada no jornal *Der Kompass*, expressivo órgão da imprensa teuto-brasileira em Curitiba. Knoll foi assunto na primeira página da 115ª edição pela ocasião de seu septuagésimo aniversário. Neste artigo, o pastor F. W. Brepohl, amigo de Knoll e com o qual trocava correspondências, escreveu uma detalhada e elogiosa biografia demonstrando a importância que ele tinha adquirido frente à sua comunidade.

Esta foi uma das fontes que ajudou a guiar esta pesquisa. O autor realizou uma narrativa da vida de Georg Knoll, de seu nascimento em Kronberg até sua chegada a Campos

Novos como professor, e forneceu uma base para que se buscassem mais informações a respeito do sujeito. Foi a partir de Brepohl (1931) que foi possível verificar a estadia de Georg Knoll no Palmergarten e em Geisenheim e seu aprendizado da agricultura moderna sob a direção de Franz Siesmeyer e Friedrich von Lade.

Para aprofundar o entendimento acerca do contexto no qual vivia Georg Knoll na Alemanha, seu envolvimento com as ciências agrícolas e a construção de sua visão de mundo na sua terra natal, foram consultadas, então, fontes documentais que oferecessem pistas a respeito do que se discutia sobre a agricultura na Alemanha no período em que nosso personagem lá vivia e estudava, e como isso poderia tê-lo afetado. Para este fim, foi de grande valia a pesquisa realizada no repositório digital da Biblioteca do Estado da Baviera, no qual puderam ser verificados o estatuto da escola de Geisenheim contendo seu currículo e atribuições, escritos de Friedrich von Lade, seu fundador e diretor, bem como de outros personagens ligados a Lade por meio de publicações de organizações acadêmicas em comum, como a *Revista Mensal Associação para a Promoção da Horticultura nos Reais Estados prussianos*.

Também vale ressaltar a consulta a outro arquivo alemão, o Arquivo Municipal e Universitário de Geisenheim, responsável tanto pela guarda de documentos históricos do município quanto da Universidade de Geisenheim, instituição herdeira da escola de Friedrich von Lade, até hoje voltada ao ensino e pesquisa em agricultura. O contato foi realizado via *e-mail*, buscando informações tanto acerca da própria universidade, sua atuação e currículo da época, quanto da passagem de Georg Knoll, sua matrícula e possíveis produções realizadas enquanto estudante. Apesar dos documentos das matrículas terem sido perdidos, a universidade contribuiu com a digitalização de um relatório do então diretor de Geisenheim, R. Goethe, enviado para o ano fiscal de 1881 e 1882, sendo em grande medida uma cópia do estatuto citado anteriormente, bem como com a cópia do livro *Geisenheim: 1872-1972 - 100 Jahre Forschung und Lehre für Wein-, Obst- und Gartenbau*, do ex-professor Paul Claus (1972), que permitiu vislumbrar com mais afinco a história da universidade e o papel que pretendia cumprir em sua região no que tange às políticas agrícolas. No que diz respeito às informações acerca da vida de Georg Knoll, também foi contactado o Arquivo Estadual de Hesse (Hessische Landesarchiv), estado que incorporou Kronberg e Geisenheim após a Segunda Guerra Mundial, mas a busca foi infrutífera.

A quase totalidade dessas fontes estava escrita em alemão gótico impresso. Para realizar a sua leitura, foram transcritas para outro documento com auxílio do alfabeto gótico

presente no livro *Fonts for latin paleography* (Marcos, 2008). Após sua transcrição, foram traduzidas ao português com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial *DeepL*. Uma das fontes coletadas, o esboço autobiográfico de Georg Knoll (*Aus der autobiographischen Skizze von Georg Knolle*), fornecido pelo Instituto Martius Staden, foi escrito à mão por ele em escrita kurrent. Para tornar legível o documento e realizar a tradução, foi utilizada outra ferramenta de inteligência artificial, o *Transkribus*, para transcrever o kurrent para a escrita latina padrão, desta forma, possibilitando a tradução e leitura.

Com relação à produção literária de Georg Knoll publicada em alemão, apesar de ser claramente um aspecto importante de sua jornada no Brasil e imprimir uma parte importante de sua concepção de mundo, elas não serão um objeto fundamental dessa pesquisa. Isto se dá pela dificuldade encontrada em acessar essa produção, tendo em vista que os números dos calendários nos quais estão essas publicações não estão digitalizados. Além disso, o volume de textos que poderiam ser coletados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, que então teriam de ser transcritos e traduzidos, fugiriam ao alcance desta pesquisa, visto que o autor não tem domínio da língua alemã. Também ressalta-se que o enfoque dado à pesquisa é, justamente, explorar sua atuação política e na promoção da modernização agrícola, para além de sua contribuição literária e cultural já estudada por outros autores.

Já as fontes em língua portuguesa, estas foram, quase em sua totalidade, veículos de imprensa catarinenses. Para realizar o seu levantamento, foi utilizada a ferramenta de pesquisa por palavra, buscando o nome “Jorge Knoll”, versão adaptada ao português que utilizou no Brasil, na Hemeroteca Digital do Estado de Santa Catarina e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sendo realizado um fichamento de cada matéria correspondente à busca, guardando o nome do veículo, número da edição, da página da matéria, data e município de publicação, bem como um breve resumo de seu conteúdo. Jornais como o *República*, *Jornal do Commercio*, *O Estado*, *Cidade de Blumenau*, *O Clarão*, *O Planalto*, *O Dever*, *Actualidade* e almanaques como o *Almanach Catarinense* e o *Almanak Laemmert* foram mobilizadas como ferramenta para verificar a passagem de Georg Knoll por diferentes locais ao longo do tempo, sendo importante a realização do cruzamento de fontes para verificar as informações. Além disso, os veículos de imprensa podem servir como uma espécie de retrato da atuação de Georg Knoll por onde ele passou, ajudando a compor o perfil biográfico. Além disso, tendo em mente a importância da imprensa para conferir legitimidade às políticas levadas a cabo pelas elites locais (Machado, 2004, p. 94), permitindo vislumbrar a ação de Georg Knoll sobre elas.

Dentre estas publicações, também destaca-se o jornal *O Trabalho*, órgão oficial do Partido Republicano Catarinense no Município de Curitiba, onde Georg Knoll publicou entre julho de 1908 a setembro de 1910. O veículo foi consultado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina ao longo do ano de 2023 como parte do Projeto de Iniciação Científica, desenvolvido por este autor, intitulado *Sitiantes e ervateiros do planalto meridional brasileiro: vida, acesso à terra, mobilidade e conflitos*, desenvolvido sob a orientação do professor doutor Paulo Pinheiro Machado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).¹ Neste projeto, foram digitalizadas e analisadas 19 edições do jornal publicadas entre 1907 e 1913 e que contabilizam 51 matérias, colunas e relatórios fichados. Esta produção foi digitalizada, catalogada e fichada, guardando-se o nome do jornal, o local de publicação, a página da matéria, a coluna da matéria e um resumo de seu conteúdo. Com relação ao restante das fontes em língua portuguesa que não advém da imprensa, estas são certidões de nascimento e óbito de Georg Knoll e de parentes, consultadas de forma digital a partir dos documentos digitalizados pela plataforma *FamilySearch*, que serviram de subsídio para o mapeamento de sua localização e de suas relações familiares.

¹ Bolsa PIBIC/CNPq desenvolvida por Arthur Will Tocchetto de Oliveira (2023).

2 DA SUA JUVENTUDE: ENTRE NASSAU E A PRÚSSIA

2.1 INÍCIO DA VIDA E CARREIRA: O PALMERGARTEN

Georg Knoll nasceu em Kronberg im Taunus, no ano de 1861, uma pequena cidade então pertencente ao Ducado de Nassau. Seu pai, Christian Knoll, era professor na Escola Politécnica de Frankfurt am-Mein. Sua mãe, Ida Knoll, foi uma proeminente escritora na comunidade teuto-brasileira e poeta, de uma família de professores e funcionários públicos (Brepohl, 1931). É possível afirmar, portanto, que Georg pertencia a uma elite intelectual alemã, uma classe média e de funcionários públicos, inserida nos meios acadêmicos do período.

O jovem Knoll mudou-se para a cidade de Frankfurt am-Main para realizar sua educação secundária. Posteriormente, trabalhou no Palmergarten, um jardim botânico idealizado por Franz Heinrich Siesmayer, conceituado horticultor e Diretor Real Prussiano de Horticultura, aberto ao público em 1871. Segundo seu ex-presidente, August Siebert (1895), sua construção foi levada a cabo como um empreendimento privado, com apoio financeiro de uma série de personalidades, notadamente os príncipes de Hesse e o Duque de Nassau, e foi construído em um terreno cedido pela administração municipal da cidade. O Palmergarten, a partir de então, dedicou-se não apenas a ser um espaço de lazer, enquanto área verde, parque e local de apresentações artísticas e culturais, mas também à realização de exposições de associações de jardinagem e horticultura.

Esta experiência marca o início da trajetória de Georg Knoll nas ciências agrícolas. Segundo a biografia escrita por seu amigo F. W. Brepohl (1931), o jovem jardineiro se aproximou do então diretor do Palmergarten, e conseguiu dele boas indicações para seguir sua carreira. Assim, em 1878, Georg Knoll pôde ingressar como estudante na Real Instituição de Ensino para Fruticultura e Viticultura em Geisenheim, lá permanecendo até 1880.

2.2 FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: GEORG KNOLL EM GEISENHEIM

A Real Instituição de Ensino para Fruticultura e Viticultura em Geisenheim foi fundada em 1872 sob os auspícios de Friedrich Eduard von Lade, membro da nobreza prussiana e exportador de vinhos, a partir do interesse do Reino da Prússia em estabelecer uma escola agrícola na região do Rheingau, às margens do Rio Reno, e suprir a falta de

instituições de ensino e pesquisa agrícolas no período (Claus, 1972). A escolha do local não foi ao acaso, mas fruto de um trabalho de convencimento e de disputas com outras cidades levado a cabo por von Lade, que teria convencido o *Kaiser* ao enviá-lo amostras de frutas e demais produtos agrícolas da região, reforçando o argumento da potencialidade do desenvolvimento da agricultura na localidade. Além disso, Lade dedicou-se à construção, em 1861, de um jardim chamado Villa Monrepos, que seria utilizado para treinamentos práticos e para a pesquisa em horticultura, viticultura e pomologia. Para a construção dos jardins-modelo pertencentes à escola, contou com o apoio técnico de Siesmeyer (Claus, 1972).

Segundo seu Estatuto², a instituição aceitava jovens acima de 16 anos em três cursos diferentes, um para alunos regulares (*ordentlichen Zöglinge*) da Escola Superior de Horticultura/Jardinagem³, para horticultura prática (*Schüler der praktischen Gärtnerei*) e para estagiários (*Hospitanten*). Os alunos regulares deveriam ter completado a educação secundária e atenderiam ao ensino superior agrícola com duração de dois anos. O curso de jardinagem prática, por sua vez, exigia apenas o ensino básico e correspondia a um curso de um ano com formação essencialmente prática, no campo. Já para os estagiários, eram fornecidos cursos de acompanhamento do trabalho prático nas vinhas, jardins e hortas, nos meses do verão e do outono, bem como palestras sobre viticultura e horticultura. Nesse sentido, seu programa pedagógico enfatizava a formação técnica e de caráter prático, para além da pesquisa, como essencial. A escola também oferecia palestras abertas para os estudantes e o público em geral, visando, segundo o Estatuto:

Incentivar homens da ciência e da prática a realizar palestras populares nas instalações da instituição sobre assuntos que não se refiram apenas à horticultura, à fruticultura e à viticultura, mas que pertençam ao vasto campo da cultura e do conhecimento das plantas em geral (Prússia, 1872, p. 8).⁴

Harwood (2005) chama a atenção para o fato de que o desenvolvimento de instituições de ensino agrícola na Alemanha se deu em uma lógica técnico-científica. Na

² *Statut der Königlichen Lehranstalt für Obst- und Weinbau zu Geisenheim* (Prússia, 1872).

³ O termo, aqui, é ambíguo por uma questão de tradução das fontes. O termo utilizado originalmente, *gärtnerei*, pode tanto significar “horticultura” quanto “jardinagem”, sendo o adjetivo utilizado na documentação, *gärtner*, podendo significar tanto “jardineiro” quanto “horticultor”. Desta forma, a partir de agora, o termo será traduzido unicamente como “horticultura” e “horticultor” para um melhor entendimento.

⁴ Es ist endlich die Absicht, Männer der Wissenschaft und der Praxis zu populären Vorträgen in den Räumen der Anstalt über Gegenstände anzuregen, welche nicht allein auf die Gärtnerei, die Obst- und Weinkultur Bezug haben, sondern dem weiten Gebiet der Pflanzenkultur und Pflanzenkenntniß überhaupt angehören.

Alemanha, o contexto em que a consolidação das ciências agrícolas se deu em meio a uma importante polêmica acerca do caráter desta área do conhecimento (Kotsur; Kostenko; Siropol, 2020). Um campo defendia um caráter científico e teórico, no sentido de que a finalidade dos estudos em agricultura seriam o aprofundamento do entendimento dos fenômenos naturais que a regem, valorizando a pesquisa teórica e a expansão do conhecimento não necessariamente em resposta às necessidades imediatas da produção agrícola. Já outro, defendia justamente uma abordagem técnica, com um enfoque maior na aplicação prática deste conhecimento e em resposta a problemas específicos, oferecendo também uma educação prática (Harwood, 2005; Kotsur; Kostenko; Siropol, 2020).

A lógica técnico-científica tem lugar quando a educação técnica/prática adquire características do conhecimento científico e vice-versa (Harwood, 2005). É possível verificar este fenômeno, e a preocupação de uma aproximação da formação técnica com a ciência na escola de Geisenheim em sua política pedagógica ao incentivar palestras que vão além do conhecimento prático, mas que abordem o “vasto campo da cultura e do conhecimento das plantas em geral”, denotando um conhecimento mais teórico e acadêmico.

Tal visão é corroborada na edição de fevereiro de 1873 da *Revista mensal da Associação para a Promoção da Horticultura nos Reais Estados prussianos para a promoção da horticultura e da Sociedade de Amigos dos Jardins de Berlim*⁵, na qual W. Lauche escreveu uma matéria acerca da reorganização da Real Escola de Jardinagem de Sanssouci e da importância do estabelecimento de instituições de ensino técnico e científico para a horticultura. Citando Geisenheim e outras instituições como exemplo, o autor defende que a formação técnica e prática, fundamental para a horticultura, deve ser acompanhada de uma formação teórica sólida, ligada aos fundamentos e a um conhecimento mais aprofundado das “leis” da botânica e do funcionamento das plantas:

O conteúdo e o âmbito do ensino na instituição estão ligados a uma unidade sistemática, o método é lógico, adequado às circunstâncias e deve transmitir as causas subjacentes aos fenômenos e às culturas, bem como as leis dos seus efeitos. Nos anos anteriores, a horticultura era conhecida principalmente como uma atividade artesanal e o foco era colocado principalmente na prática do ofício. No entanto, isso já não era suficiente para um homem cuja tarefa envolve mais do que um mero trabalho manual, cujas produções se

⁵ *Monatsschrift des Vereins zur Beförderung des Gartenbaues in den Königl. Preussischen Staaten und der Gesellschaft der Gartenfreunde Berlins.*

tornaram mais industriais e cujos produtos estão abertos ao comércio mundial (Lauche, 1873, p. 383-384).⁶

Aqui, observa-se também a função defendida para estas instituições científicas, cuja importância reside em responder às novas demandas enfrentadas pelos produtores rurais, tendo de abastecer os mercados alemães e aumentar sua produtividade em nível internacional. O contexto da agricultura alemã no século corrobora com esta posição. O desenvolvimento da indústria e o subsequente crescimento das cidades, em especial a partir de 1850, exigiram uma exploração cada vez mais intensiva da terra para suprir uma crescente demanda por alimentos, em especial no Vale do Reno, coração industrial da Alemanha (Tilly; Kopsidis, 2020).

Reforçando essa tendência, a desaceleração da economia agroexportadora alemã na década de 1870 por conta da queda do preço dos grãos após a abertura dos grandes polos produtores russos e norte-americanos afetou gravemente os agricultores, obrigando-os a investir em outras atividades produtivas, em especial a pecuária animal e a produção de frutas, no caso dos pequenos proprietários (Wieland, 2006; Tilly; Kopsidis, 2020). Viu-se, assim, uma retração da economia agroexportadora em direção a uma abordagem protecionista, de imposição de tarifas de importação por parte do Estado e proteção da produção agrícola interna. Seguindo este movimento, ao longo do século XIX, a produção agrícola viu um avanço significativo a partir de um uso cada vez mais intensivo da terra a partir de uma série de inovações técnicas importantes, como mudanças nos sistemas de rotação de culturas, a produção de fertilizantes químicos e avanços na seleção artificial das culturas agrícolas (Pierenkemper; Tilly, 2004).

Especificamente no caso de Geisenheim, seu *Estatuto* cita a concorrência externa e a necessidade de uma soberania alemã no que diz respeito à educação para a agricultura, em especial frente à França, como uma das justificativas para a fundação da instituição.

Em todas as épocas, o Governo Real prestou atenção à melhoria e difusão da fruticultura e viticultura. Por mais cuidadosamente que este ramo da cultura rural fosse cultivado, até recentemente não era possível, na Prússia, produzir todas as variedades de frutas e uvas com a perfeição com que isso é feito na maior parte da França e em alguns outros países. Apenas a sul do Taunus

⁶ Der Inhalt und Umfang des Unterrichts in der Anstalt ist zu einer systematischen Einheit verbunden, die Methode logisch, den Verhältnissen angemessen und soll die den Erscheinungen und Kulturen zu Grunde liegenden Ursachen und die Gesetze ihrer Wirkungen vermitteln. In früheren Jahren kannte man die Gärtnerei grösstentheils nur als einen handwerksmässigen Betrieb und legte den Schwerpunkt hauptsächlich auf die Praxis des Gewerbes. Dieselbe genügte aber nicht mehr für einen Mann, dessen Aufgabe mehr als eine blosse Handarbeit in sich schliesst, dessen Produktionen industrieller geworden und dessen Produkte dem Weltverkehr geöffnet sind.

prosperam as uvas mais nobres, bem como os pêssegos, os damascos, as amêndoas, os figos, as maçãs Calville brancas e algumas peras excelentes. Desde então, os horticultores prussianos tinham de visitar estrangeiro se quisessem conhecer a fruticultura mais requintada e, em geral, a fruticultura na sua perfeição (Prússia, 1872, p. 3).⁷

O idealizador da instituição em Geisenheim, von Lade, em seu livro *O plantio e horticultura em Monrepos*⁸, posteriormente, repete esta afirmação:

Monrepos foi criado em 1861, depois de eu ter visitado as culturas frutíferas mais famosas da França (com as quais os alemães ainda não podiam competir na época), Bélgica e Inglaterra. [...] Entre 1868 e 1873, com grande esforço e sacrifícios de todos os tipos, consegui realizar minha ideia favorita de criar um instituto estatal de ensino e pesquisa em fruticultura e viticultura no Rheingau (Lade, 1893, p. 8-9).⁹

Nesse sentido, o que se defendia, portanto, era responder à pressão dos mercados externos e à necessidade de suprir a demanda interna de um mercado urbano em ascensão com a educação dos produtores e melhorias técnicas, visando um cultivo mais intensivo da terra.

Para tal fim, acadêmicos da horticultura e da pomologia se dedicaram a escrever livros e manuais voltados a pequenos agricultores como forma de divulgar as novas técnicas desenvolvidas. Um exemplo dessa ação é o *Guia popular de horticultura rural como meio de aumentar a prosperidade e embelezar a paisagem*¹⁰, escrito sob encomenda da Agência Central Real para a Agricultura da Prússia por Eduard Lucas, então chefe da Escola de Horticultura e professor de horticultura na Academia de Hohenheim, posteriormente membro da Sociedade Pomológica Alemã¹¹ junto de von Lade. Também foi consultor deste para a construção de Monrepos (Claus, 1972) e diretor do Instituto de Pomologia de Reutlingen.

⁷ Zu allen Zeiten hat die Königliche Staatsregierung der Verbesserung und Verbreitung des Obst- und Weinbaus ihre Aufmerksamkeit geschenkt. So sorgfältig aber auch dieser Zweig der Landeskultur gepflegt wurde, so war es doch bis in die neueste Zeit in Preußen nicht ausführbar, alle Obst- und Traubensorten in solcher Vollkommenheit zu erzeugen, wie dies in den meisten Theilen Frankreichs und in manchen anderen Ländern der Fall ist. Nur südlich vom Taunus gedeihen mit den edelsten Trauben auch die Pfirsich, die Aprikose, die Mandel, die Feige, der weiße Calvill- Apfel und manche vortreffliche Birne. Seither mußten preußische Gärtner, wenn sie die feinere Obstkultur und überhaupt den Obstbau in seiner Vollkommenheit kennen lernen wollten, das Ausland besuchen.

⁸ *Der Obst- und Gartenbau in Monrepos: Praktische Ratschläge für jeden Monat des Jahres* (Lade, 1893).

⁹ Monrepos wurde 1861 angelegt, nachdem ich die berühmtesten Obstkulturen in Frankreich (mit welchen die deutschen damals noch gar nicht konkurrieren konnten), Belgien und England besucht hatte. [...] In den Jahren 1868-1873 gelang es mir freilich mit großen Mühen und Opfern aller Art meine Lieblings- Idee einer staatlichen Muster- und Lehranstalt für Obst und Weinbau im Rheingau zu verwirklichen.

¹⁰ *Populäre Anleitung zum ländlichen Gartenbau als Mittel zu Erhöhung des Wohlstandes und zur Landesverschönerung* (Lucas, 1849).

¹¹ Deutscher Pomologenverein (1897).

Na introdução do livro, o autor ressalta a importante problemática do aumento populacional e da demanda da produção agrícola interna para suprir as regiões “menos férteis” do país, colocando a questão central que o orientará: “o que fazer para obter dessa mesma área de terra uma quantidade maior de produtos que satisfaça as necessidades da economia doméstica?” que, prontamente, responde: “naturalmente, que essa necessidade adicional deve ser obtida através de um uso mais cuidadoso da área de terra, através de uma cultura mais intensiva e mais elevada” (Lucas, 1849, p. 5). Porém, como afirma Jones (2019), tais mudanças não vieram com total anuência do campesinato alemão. Comumente camponeses viram com desconfiança as novas técnicas agrícolas e persistiram em seus costumes tradicionais. Assim, foi realizado um esforço, por parte dos círculos acadêmicos e do Estado, no sentido de convencê-los do ganho de valor econômico e de qualidade de vida que poderiam ter ao aderir às novas práticas da horticultura e da pomologia. Tal problemática é ressaltada pelo autor:

É notável, porém, que muitos camponeses parecem ter um medo considerável de qualquer cultura mais sofisticada e, em particular, da horticultura. A horticultura, em sua opinião, é um objeto de luxo; eles se contentam com as ervas e batatas de seus campos, que muitas vezes são muito pequenos, e com as variedades de frutas que brotam de troncos não refinados; seus antepassados também não conheciam nada melhor. Muitos afirmam que a horticultura geralmente custa mais do que rende, exigindo mais tempo e mão de obra do que o agricultor poderia dedicar a ela. No entanto, essas objeções só se justificam quando a horticultura é praticada sem conhecimento e em condições que ainda não exigem tal cultura (Lucas, 1849, p. 6).¹²

Como exemplo dessas formas de convencimento e promoção da chamada agricultura moderna, podemos ressaltar as palestras públicas idealizadas em Geisenheim. Jones (2019) também chama a atenção também para outros métodos encontrados para o convencimento dos camponeses, voltados para uma cultura visual de demonstrações públicas da produção a partir de exposições agrícolas.

¹² Es ist indessen auffallend, daß viele Landleute eine ordentliche Furcht vor jeder höheren Kultur und so namentlich auch vor dem Gartenbau zu haben scheinen. Der Gartenbau, meinen sie, sey ein Gegenstand des Luxus, sie begnügen sich mit dem Kraut und den Kartoffeln ihrer Felder, die oft ganz geringen, aus unveredelten Stämmen entsproffenen Obstsorten befriedigen sie; ihre Vorfahren kannten ja auch keine besseren. Viele behaupten, eine gartenmäßige Kultur koste gewöhnlich mehr als sie eintrage, sie verursache einen größeren Aufwand von Zeit und Arbeitskräften als der Bauer ihr je zuzuwenden im Stande wäre. Diese Einwürfe sind aber nur dann begründet, wenn der Gartenbau ohne Kenntnisse und in Verhältnissen ausgeübt wird, die eine solche Kultur noch nicht erheischen.

2.1.3 As ciências agrícolas e a modernização alemã

O que fazer para obter dessa mesma área de terra uma quantidade maior de produtos que satisfaça as necessidades da economia doméstica? *Essa questão parece infinitamente importante em anos como os que acabaram de passar, em que os produtos da agricultura falharam parcialmente* (Lucas, 1849, p. 5. Grifo próprio).¹³

Há um aspecto importante da obra de Eduard Lucas que devemos prestar atenção, que é um certo tom de urgência denotado na ênfase que o autor dá à falha da produção agrícola. O ano de 1846 foi marcado por uma diminuição nas colheitas na Alemanha que, aliada ao inchaço populacional, levou a um aumento significativo no custo dos alimentos e a uma importante piora nas condições de vida das camadas populares (Clark, 2006). Em decorrência disso, nos anos seguintes, presenciou-se uma série de levantes operários nas cidades e uma intensa desestabilização política que juntou-se à crise de 1848, que varreu a Europa (Clark, 2006). Nesse sentido, a fórmula apresentada anteriormente — uso intensivo da terra para suprir o mercado e proteger a economia agrícola interna —, com base nas documentações analisadas de Geisenheim e das associações pomológicas, ganha um novo contorno. Isto é, do entendimento de que a modernização da agricultura é um passo necessário para permitir o desenvolvimento industrial e capitalista na Alemanha e seu crescimento econômico e populacional, e da importância dada à atuação dessas instituições de ensino e pesquisa como parte desta política.

Mas, o que se quer dizer por modernização? Por um lado, sim, há a modernização enquanto inovação técnica e epistemológica, mediada por uma visão técnica e científica de uma agricultura “racional” que leve em consideração a química do solo, a teoria evolutiva das variedades de plantas ou a eficiência da rotação de culturas. Ou seja, mediada por uma visão de mundo cada vez mais pautada pelo método científico. Por outro lado, há também a modernização enquanto consolidação da economia de mercado, do desmanche das formas feudais de produção, das terras comunais e a cada vez maior ligação dos camponeses alemães para com os mercados nacional e mundial e relações de compra e venda de sua produção.

Barrington Moore Jr. (1983) ressalta que a Alemanha é parte de um grupo de países que realizaram sua modernização e seu desenvolvimento capitalista a partir de uma

¹³ In solchen Verhältnissen drängt sich von selbst die wichtige Frage auf: Was ist zu thun, um derselben Bodenfläche eine größere und den Bedürfnissen genügende Menge von Produkten für den menschlichen Haushalt abzugewinnen? Unendlich wichtig erscheint erst diese Frage in Jahren, wie die jüngst verflossenen, wo die Erzeugnisse des Feldbaues teilweise fehlschlügen.

perspectiva de caráter conservador. Ao invés de terem sido marcados pela revolução, como a França e a Inglaterra, tiveram sua modernização feita “por cima”, tendo como base a incorporação do máximo possível de elementos das antigas estruturas — políticas, fundiárias e econômicas —, tendo como episódio marcante recuo da burguesia alemã da Revolução de 1848, abrindo mão de grande parte do poder político e das mudanças na estrutura estatal exigidas pelos revolucionários, pactuando a estruturação da Alemanha moderna com a nobreza e a elite fundiária. Nesse sentido realizou-se uma espécie de “modernização conservadora”, que ocorreu em diferentes níveis nos diferentes Estados de língua alemã, tendo como expoente o Reino da Prússia, a partir de seu conflito com a França napoleônica e a Confederação do Reno, com as Reformas Stein-Hardenberg.

Estas reformas, aplicadas no início do século XIX, foram, em grande medida, catalisadas pela derrota prussiana frente aos exércitos de Napoleão, com a desestruturação da legitimidade e do poder da monarquia e da forma tradicional de organização do Estado. Christopher Clark (2006) situa esta questão para além de uma reação política à ocupação francesa, chamando a atenção para um largo movimento de desenvolvimento de ideias fisiocráticas e liberais nos territórios de língua alemã que começavam a encontrar seu caminho para dentro da administração prussiana. Tal intelectualidade germânica ofereceu ao Estado prussiano personagens importantes que encabeçaram as reformas, como Friedrich von Stein e o ministro Karl von Hardenberg. Esta burocracia no governo prussiano dedicou-se à modernização em diversas áreas. Um importante passo dessas reformas foi a emancipação dos servos efetuada em 1810, seguida pelo fim das terras comunais e a adoção de uma política econômica mais liberal, com a redução de tarifas, o fim dos impostos no transporte interno de mercadorias e a extinção das guildas (Kitchen, 1978; Clark, 2006). Com relação à modernização da agricultura e à educação agrícola, dois nomes se destacaram neste momento e contribuíram de forma decisiva para sua consolidação: Albrecht Thaer e Justus von Liebig.

Albrecht Thaer, nascido em 1752, foi um pioneiro na construção de instituições para o ensino agrícola na Alemanha e na defesa da agricultura enquanto ciência. Os quatro volumes de sua obra, *Princípios da Agricultura Racional*, publicados entre 1809 e 1812, foram de suma importância, traçando um modelo produtivo que influenciaria as políticas de diversos Estados germânicos para a agricultura. Apoiou e aperfeiçoou o chamado sistema de rotação de culturas de “três campos”, bem como desenvolveu a teoria do húmus enquanto ferramenta para acelerar e viabilizar o crescimento das plantas, conseqüentemente

contribuindo para a intensificação do uso da terra, tendo importante papel no aumento da produção agrícola durante o século XIX (Kitchen, 2006).

O agrônomo defendia que a prática da agricultura deveria ser guiada por um método de caráter científico e racional, baseado, sobretudo, na observação do processo de plantio, crescimento os resultados da colheita, buscando identificar uma relação de causa e efeito entre o experimento empírico prático e os resultados alcançados (Thaer, 1845). Com essa concepção, fundou em 1805, a convite do ministro reformista prussiano Hardenberg, a primeira universidade agrícola do Reino da Prússia em Möglin, próximo a Berlim. A instituição, contando com um amplo terreno nos subúrbios da capital, dedicou-se a envolver seus estudantes em experimentos práticos no cultivo de diversas culturas. Sob sua influência, ao longo da década de 1840, outras escolas agrícolas foram fundadas, como a de Hohenheim.

Thaer também dedicou-se a teorizar acerca da economia agrícola. Em primeiro lugar, em sua obra, rejeita as noções fisiocráticas que colocam a terra como fonte original da riqueza e do valor, colocando, assim como Adam Smith, que a riqueza advém do trabalho, que extrai da terra a riqueza e a dá valor. Parte de sua concepção também pode ser observada a partir da própria definição que o agrônomo realizou do que é a agricultura:

AGRICULTURA é a arte de obter da terra as produções orgânicas mais valiosas. Aquele que exerce essa arte busca obter lucro fazendo crescer e utilizando suas produções animais e vegetais. Quanto mais considerável for o ganho obtido, portanto, melhor será o objetivo alcançado. A Agricultura mais perfeita é, evidentemente, aquela que produz, pela aplicação do trabalho, o maior e mais permanente lucro em comparação com os meios empregados (Thaer, 1845, p. 11. Tradução do autor)¹⁴.

Defende, nesse sentido, a agricultura enquanto um empreendimento capitalista realizado pelo agricultor, voltado à circulação e acúmulo de capital, entendendo que o objetivo central da produção agrícola não seria a maior produção possível, senão o maior lucro que pudesse ser retirado da terra. Nesse sentido, fazia coro com os liberais e os fisiocratas típicos do período das reformas prussianas, impulsionando o desenvolvimento de uma economia agrícola de caráter científico, capitalista e de mercado (Kitchen, 1978; Gray, 2008).

¹⁴ AGRICULTURE is the art of deriving from the earth the most valuable organic productions. He who exercises this art seeks to obtain profit by causing to grow, and by using its animal and vegetable productions. The more considerable the gain derived, therefore, the better is the object accomplished. The most perfect Agriculture is, evidently, that which produces, by the application of labor, the largest est and the most permanent profit in comparison with the means employed.

O químico Justus von Liebig seguiu por um caminho parecido. No início de sua carreira, no Ducado de Hesse-Darmstadt sob ocupação napoleônica, trabalhou como professor na Universidade de Giessen e se tornou referência na área da química aplicada à agricultura. Na universidade, adotou um método pedagógico baseado na palestra e na demonstração, na qual os alunos assistiam experimentos realizados pelos professores de modo a apreender os fenômenos da natureza.

Liebig considerava que a produção científica (e, assim, o desenvolvimento civilizatório de uma sociedade) era fruto da experiência humana no seu trabalho, a qual impulsionava os sujeitos a formar hipóteses sobre os acontecimentos e estudá-las visando construir inovações que possibilitem substituir a força humana. O químico defendia que o capitalismo liberal, que se consolidava em seu meio ao longo de sua trajetória de vida, era o sistema que melhor possibilitava o desenvolvimento deste processo de construção de conhecimento. Isso porque considerava que as classes produtoras, portadoras de experiência, por meio de seus empreendimentos e de seu trabalho conseguiam acumular riqueza, permitindo sua dedicação, e a de seus descendentes, à vida intelectual. Nesse sentido colocava-se, no contexto das reformas que se espalhavam pela Alemanha, contrário às formas de produção e organização social feudal características da região no século XVIII, condenando o Antigo Regime por minar a mobilidade social das classes produtivas, necessária à produção intelectual, monopolizando-a em mãos de classes consideradas socialmente estéreis, como o clero (Marchesi, 2020, p. 215-221).

Nessa base, Liebig teceu críticas importantes à ciência agrícola por volta da metade do século XIX que havia sido desenvolvida, em grande medida, sobre o legado de Albrecht Thaer. Neste período, já haviam na Alemanha uma série de instituições voltadas ao ensino agrícola, independentes das universidades e academias, que detinham grande enfoque no conhecimento prático e empírico e que, segundo o químico, negligenciavam o método científico e um entendimento mais profundo e teóricos das leis que regiam a natureza do solo e do crescimento das plantas. Com base nessas críticas, muitas instituições, como a própria escola de Möglin, foram fechadas (Marchesi, 2020; Kotsur; Kostenko; Siropol, 2020). A partir daí, foram abertas novas instituições, agora mais ligadas ao Estado e às universidades e sob a égide do conhecimento acadêmico apregoado por Liebig (Kotsur; Kostenko; Siropol, 2020).

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA VIVÊNCIA NA ALEMANHA

As inovações na agricultura aqui apresentadas, portanto, não foram apenas de caráter técnico, mas epistemológico. Dizem respeito a um contexto de intensas reformas econômicas, sociais e políticas nos Estados germânicos e em toda a Europa na qual, fundamentalmente, se colocava uma questão-chave: a necessária substituição dos saberes camponeses por aqueles de caráter científico e acadêmico para acompanhar o passo da expansão cada vez mais acelerada do capitalismo industrial. Como visto nos escritos de Lade, Lauche e Lucas, se colocava a necessidade de aumentar a intensidade da produtividade da terra para suprir o mercado interno e resistir à competição externa.

A substituição das obrigações feudais pela venda da produção ou do assalariamento do trabalho do camponês, e das terras comunais pela estrita propriedade privada, impuseram ao núcleo familiar camponês, como já defendido por Albrecht Thaer, a lógica da empresa capitalista. As contribuições de Justus Liebig aprofundaram a questão. Suas pesquisas sobre a química do solo e seu uso pelas plantas suplantaram a teoria do húmus defendida por Thaer. Segundo o químico, já não seriam necessárias a realização de forragens com matéria orgânica nas plantações, ou mesmo o uso de esterco animal. Bastariam que determinados produtos químicos, como o potássio, o nitrogênio ou o fósforo estivessem presentes. Aqui, as próprias plantas entram na lógica da fábrica, como máquinas, bastando fornecê-las matérias-primas e trabalhando-as de forma técnica, haveria produção. Tal inovação técnica permitiu uma expansão da produção agrícola por solos desconhecidos e em muito maior escala, precedendo a Revolução Verde e a expansão global do capital agrário, ou seja, o aprofundamento do fenômeno da modernidade na agricultura (Marchesi, 2020).

Georg Knoll não nasceu na Prússia, mas também viveu em um Estado que passou por reformas muito parecidas e até mesmo anteriores às da nação de Bismarck. Este era o Ducado de Nassau, fundado em 1806, sob os auspícios de Napoleão, como integrante da recém formada Confederação do Reno a partir da fusão de uma série de pequenos Estados até então pertencentes ao Sacro-Império Romano-Germânico. Em 1808, foi abolida a servidão dos camponeses. Em 1814, sob a influência da lei napoleônica e com importante contribuição do próprio Barão von Stein, o mesmo reformador da Prússia, foi proclamada a constituição do Ducado. De caráter liberal, visava legitimar a continuidade desta entidade política enquanto Estado às vésperas do Congresso de Viena, que haveria de decidir seu destino. Ela consolidou uma série de mudanças já promulgadas nos anos anteriores, como a liberdade de expressão e

de credo, a abolição dos impostos sobre a transferência de bens dentro do Ducado, bem como a garantia do direito à propriedade privada e a abolição da servidão. Além disso, também foi estabelecido um sistema público de educação secular, suplantando aquele de caráter confessional que existia anteriormente (Kotulla, 2021). Em 1866, porém, com a guerra entre a Prússia e a Áustria, Nassau entrou ao lado da última e, com a subsequente derrota austríaca, o ducado foi anexado ao Reino da Prússia, tendo seu território fundido com províncias vizinhas formando uma nova unidade geográfica, a Província de Hesse-Nassau. Assim, integrou-se no quadro geral do Estado prussiano que, a passos largos, aproximava-se de unificar a Alemanha (Kotulla, 2021).

Nascido em 1861, o jovem Knoll escapou de grande parte das convulsões que marcaram sua região no século XIX, encontrando uma ordem liberal e um sistema capitalista na indústria e no campo que já haviam se consolidado. Assim, ele também encontrou o campo científico das ciências agrícolas, agora apoiados e reconfigurados pelo Estado prussiano após as amplas disputas em torno da questão ao longo do século XIX. Em Geisenheim, apesar de não ter sido possível determinar sua matrícula com exatidão, estudou a teoria científica da agricultura, como defendido por Liebig, tendo disciplinas de botânica, química, mineralogia, matemática, física e zoologia (Prússia, 1872). Teve também acesso à experiência prática do plantio de frutas, uvas, hortas e jardins. Estudou em um ambiente no qual as ciências agrícolas se voltavam às disputas do mercado e enquanto alavanca do desenvolvimento industrial qual alçava o país à condição de potência europeia, preocupando-se em convencer e transmitir ao campesinato seus saberes e valores para viabilizar este projeto. Além do mais, agora o conhecimento científico produzido nas academias já se tornara o legitimador dos saberes no campo e em outras áreas, advogando por uma agricultura de cunho racional ou, melhor colocando, sob uma racionalidade científica.

3 GEORG KNOLL NO BRASIL

3.1 UM PRUSSIANO NO SUL DO BRASIL

3.1.1 Georg Knoll em Blumenau: um personagem teuto-brasileiro

Em 1880, após completar seus estudos em Geisenheim e uma breve passagem, novamente, pelo Palmergarten, Georg Knoll foi acometido por doenças respiratórias em

decorrência do contato com o ar úmido no jardim (Bonow, 1992). Segundo a biografia escrita por Brepohl (1931), o jovem então foi aconselhado por seus médicos a mudar-se para uma região de clima mais quente. Assim, no mesmo ano, Knoll se mudou com sua mãe e irmãos para Blumenau. Nesse período, Blumenau já era uma cidade consolidada e a maior das colônias alemãs no sul do Brasil e seu fundador Hermann Blumenau já havia ganhado certa fama de desbravador, tendo relações com importantes personagens como Alexander Humboldt. Tal fama da cidade, bem como a fascinação pela botânica tropical podem também ter atraído o jovem alemão, tal como atraiu Fritz Müller (Castro, 1992). Além disso, o franco crescimento econômico e da lavoura na região apresentava oportunidades para a construção de uma carreira para uma pessoa com os conhecimentos agrícolas e botânicos de Georg Knoll, bem como era habitada por uma população de ampla maioria germânica, facilitando sua incorporação no novo país.

Nesse período, a colonização no Vale do Itajaí se desenvolvia a passos largos. “Vendeiros”, comerciantes de origem teuta que mediavam a compra e venda de produtos nos armazéns coloniais e do excedente produtivo, além de servirem como uma espécie de linha de crédito para os colonos, já começavam a acumular capital e a diversificar seus negócios. Dessa maneira, começavam a constituir um parque industrial, além de apoiar a formação de instituições dentro destas comunidades, como escolas, associações beneficentes e igrejas católicas e luteranas. Além disso, constituíam-se também como uma espécie de elite política. À medida que a colônia crescia e se faziam necessárias trocas comerciais com a sociedade brasileira circundante, sentiu-se a urgência do exercício da cidadania brasileira pelos imigrantes. Nesse sentido, cresceu a preocupação com sua inserção na política, com a conquista da cidadania brasileira e o registro de cidadãos alfabetizados para o voto, o que fez surgir, também, a ideia de uma população *teuto-brasileira*, ligada etnicamente à “nação” (*Volksgemeinschaft*¹⁵) alemã, mas ao Brasil enquanto Estado (Seyferth, 1999).

A antropóloga Giralda Seyferth (1999) afirma que esta elite colonial nascente, aliada a uma classe média que se desenvolvia nos núcleos urbanos teuto-brasileiros, constituída de uma ampla gama de pessoas letradas e de origem urbana que migraram, como profissionais liberais, artesãos e professores, foram se colocando como fiadores da invenção de uma

¹⁵ “A definição da categoria teutobrasileiro (*Deutschbrasilianer*) combina *jus sanguinis* e *jus soli*: origem alemã e cidadania brasileira, pertencimento à nação alemã e ao Estado brasileiro visualizado como multirracial ou multiétnico. Na esfera comunitária — o Vale do Itajaí — ser teuto-brasileiro é agir, viver, comportar-se como ‘alemão’, enquanto na sociedade mais ampla pode-se pensar apenas como brasileiro, pois ali não existe a *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional)” (Seyferth, 1999, p. 74).

identidade comum entre os teuto-brasileiros. A ideia de germanidade (*deutschum*), baseada em um nacionalismo alemão até então muito distante das colônias, serviu como um fator de unificação, tanto de imigrantes de diferentes origens, como de diferentes extratos sociais na colônia.

A germanidade pode ser entendida, neste contexto, como a ordem moral camponesa¹⁶, o *ethos* colono, que passou a se confundir com uma identidade étnica dessas comunidades. Este *ethos* é baseado em valores fundamentais, como o trabalho, o pioneirismo colonial, autarquia produtiva, o apego à terra e sua posse. O “colono forte”, aquele que consegue reproduzir a vida de seu núcleo familiar camponês, é tido como referência ideal do modo de ser teuto-brasileiro. Estes valores passaram a ser tidos como algo intrínseco das comunidades alemãs em oposição à figura do “caboclo”, tido como preguiçoso, desleixado e desapegado à terra. A germanidade, aqui, é um conjunto de valores e uma espécie de ideal nacional que deveria, para estas comunidades, ser preservado e reproduzido no tempo, mantendo o “caráter alemão” das colônias (Seyferth, 1994).

Esta identidade étnica era forjada de diferentes maneiras e em diferentes espaços. As escolas alemãs e as igrejas serviam como espaços importantes de manutenção identitária e de reprodução desses valores. Especial importância tiveram, também, os almanaques, a imprensa e a literatura em língua alemã. Segundo Seyferth (1999), estes veículos, geralmente dirigidos e apoiados por esta elite comercial e industrial e que contavam com a participação desta classe média de colonos letrados, servindo como veículos de transmissão e construção deste ideário germânico. Além disso, também tinham o papel de auxiliar a população em termos práticos em sua adaptação à sua nova terra, bem como em divulgar os conhecimentos de caráter científico, contendo manuais agrícolas de plantio e de higiene, por exemplo (Bonow, 2006).

Georg Knoll, desde sua chegada e durante sua vida no Brasil se inseriu de forma intensa nesse contexto. Não apenas atuou como professor colonial, mas também foi autor de uma extensa produção literária e cultural nos almanaques e jornais em língua alemã. Suas poesias e narrativas literárias adotavam um tom muito comum à literatura teuto-brasileira da época. Inspiradas no romantismo alemão, tratavam de descrever a narrativa idílica e exótica da natureza brasileira na qual o colono, ao deparar-se com essa grandiosidade selvagem, teria

¹⁶ Klaas Woortmann (1998) propõe uma abordagem que considera o campesinato como portador de um conjunto de valores, princípios e práticas que configuram uma cultura própria, uma *ordem moral* específica que o autor denomina como “campesinidade”. Entende-se, aí, o campesinato não como simplesmente uma unidade familiar de produção (Chayanov, 2004), mas uma forma de ver e interagir com o mundo a partir de uma concepção moral própria, de um *ethos*, que constitui a família como valor. A terra, desta forma, é tida como dádiva, muitas vezes entendida em uma perspectiva religiosa, honrada pelo trabalho que permite a reprodução da unidade familiar.

levado, com o ímpeto de seu trabalho, a civilização ao sertão inóspito. Valorizava, assim, a vida no campo, a lida com a terra e o trabalho que transformaria a nova terra, antes virgem e selvagem, em uma espécie de paraíso utópico e próspero, uma nova pátria (*Heimat*¹⁷). Ou seja, reproduzia os valores da germanidade em uma exaltação do *ethos* do trabalho, da conquista pioneira da natureza e da vida camponesa (Bonow, 1996; 2006; Seyferth, 1994; 2004).

O letrado prussiano ganhou certa fama por seus escritos, sendo descrito por seu amigo, o pastor F. W. Brepohl, como “[...] patrimônio comum do folclore alemão no Brasil e um pilar duradouro da vida intelectual alemã na América do Sul [...]”¹⁸ (1931, p. 1), quando este escreveu, no jornal *Der Kompass* de Curitiba, uma elogiosa biografia do poeta na ocasião da comemoração de seus 70 anos de idade. Knoll escreveu ao longo de sua vida para numerosos veículos, como o *Blumenauer Zeitung*, o *Urbaldswote von Blumenau* e o *Kolonie Zeitung*, de Blumenau; o *Deutsche Zeitung*, de Curitiba; o *Hausfreund* e o *Uhles Jahrbuch*, de São Paulo; bem como o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, da velha colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul (Franco, 2008). Aqui, podemos observar, para além da importância de seus escritos para a literatura teuto-brasileira e a fama do autor, uma ampla rede de diálogos, conexões e contatos entre diferentes comunidades e núcleos coloniais. Georg Knoll, com suas produções, foi capaz de publicá-las tanto em Santa Catarina, quanto no Rio Grande do Sul, no Paraná e até em São Paulo. Assim, acusa-se uma rede de comunicação e de formação de laços mútuos entre as populações alemãs no Brasil a partir das instituições formadas por elas, bem como que Knoll foi capaz de navegá-las com maestria.

Sobre sua atuação nos veículos de imprensa teuto-brasileiros, Georg Knoll assim descreveu sua experiência ao escrever seu esboço autobiográfico:

Não há profissão mais espinhosa do que a de escritor e publicitário no sul do Brasil; meus colegas devem ter percebido isso. Duas peles de hipopótamo esticadas sobre a carroça protegem contra as flechas venenosas da calúnia e da difamação que se tem de suportar quando se tenta mostrar aos queridos irmãos alemães que ainda existem ideais mais elevados do que toucinho e feijão preto (Arquivo Histórico do Instituto Martius Staden, 1905, p. 1)¹⁹.

¹⁷ “[...] o emprego da palavra *Heimat* (pátria), derivada de *Heim* (lar) — no seu sentido mais particularista a pátria deve coincidir com o lugar onde o indivíduo tem o seu lar” (Seyferth, 1999, p. 74).

¹⁸ “[...] es zum Gemeingut des deutschen Volkstums in Brasilien und zu einer bleibenden Säule des deutschen Geisteslebens in Südamerika [...]”.

¹⁹ Es gibt keinen dornen volleren Beruf, als den eines Schriftstellers und Publizisten in Südbrasilien; das werden mein Kollegen erfahren haben. Zwei Nilpferd Felle übereinander gespannt schützen kann was den giftigen Pfeilen der Verleumdung und der Ehrabschneidung, die man zu erkunden hat, wenne man sich bemüht, den lieben deutschen Brüdern zu zeigen, daß es noch höhern Adeale neie Speck und schwarze Bohnen gibt.

Este trecho demonstra que, para além das relações de solidariedade mútua, as comunidades alemãs também tinham em seu seio muitas desavenças. Georg Knoll, pelo que parece, foi ativo nessas polêmicas. Ao longo do século XIX e início do XX nas colônias cresceu a preocupação por parte de certos setores de uma “degeneração” do elemento demográfico e cultural alemão. Isto era uma posição recorrente entre determinados intelectuais que consideravam que a influência do meio tropical e a adoção de modos de cultivo tidos como atrasados poderiam minar aspectos fundamentais dos costumes e cultura alemãs no país (Voigt, 2008). Alguns, impulsionados por uma perspectiva de teor mais nacionalista e pangermanista, ou mesmo que partia da teoria racial eugenista, se colocavam de forma radical contra uma possível aculturação ou integração das colônias com as comunidades luso-brasileiras circundantes e a uma ideia de comunidade nacional brasileira (Seyferth, 1999)²⁰. Nesse sentido, colocando a preservação da germanidade como preservação dos laços e a lealdade com uma nação alemã.

Georg Knoll polemizou com esses setores. Apesar de sua reprodução também da germanidade enquanto *ethos* do trabalho, defendia uma integração e a participação da população de origem alemã enquanto cidadãos construtores no Brasil (Ferreira, 1998), tido como sua nova pátria, a ser transformada pelo imigrante. Identifica-se, assim, como um teuto-brasileiro. Tal posição é coerente com sua ampla trajetória na vida política catarinense e em suas proposições e contribuições para um projeto de ocupação e colonização, para o desenvolvimento econômico e da integração da nação brasileira com seu sertão.

3.1.2 Sua atuação política: Lages, Campos Novos e a Guerra Federalista

Sabe-se que ele não permaneceu em Blumenau. Como sofria de doenças respiratórias, é possível que tenha se mudado novamente por questões de saúde para uma região menos úmida do que o Vale do Itajaí. Foi, então, para o Planalto Catarinense ainda por volta de 1890, após cerca de uma década de sua chegada. Como pessoa letrada, tornou-se

²⁰ “Alguns jornais, como o *Der Urwaldsbote*, usaram uma linguagem racista para afirmar a superioridade do trabalho alemão e defender a endogamia e, algumas vezes, procuraram legitimar a existência do grupo étnico pela assertiva de que o Brasil não era uma nação porque seus cidadãos não formavam uma raça ou povo homogêneo, reivindicando para cada grupo imigrado o direito à singularidade. Vários artigos do *Der Urwaldsbote* publicados no início do século ironizam os ideais brasileiros de branqueamento da raça, recusando a miscigenação com o *Volkerbrei* (mingau de povos), segundo seus termos, composto de inferiores” (Seyferth, 1999, p. 75).

escrivão em Painei, localidade então pertencente ao Município de Lages e lá fundou também um comércio (Brepohl, 1931). O primeiro registro encontrado de sua presença no local se deu em julho 1893, em uma aparição no *Jornal do Commercio*, escrito pelo correspondente do jornal em Lages comunicando a absolvição do réu Emiliano Silveira dos Santos, defendido pelo Capitão Cordova Passos — fundador do Partido Republicano Federalista em Lages e ex-superintendente municipal —, no julgamento de uma tentativa de assassinato contra Knoll (*Jornal do Commercio*, 1893, p. 1).

Tal acontecimento desperta certa inquietação por ser similar àquele do assassinato do caixeiro viajante Ernesto Canozzi, imigrante italiano, e seu empregado pelas mãos dos irmãos Thomaz e Domingos Brocato. Os irmãos, após o assassinato, foram defendidos em seu julgamento pelo mesmo capitão Cordova Passos, que fazia parte junto deles da Loja Maçônica Luz Serrana, importante e seletivo grupo na vida da elite do município (Nunes, 2007). É intrigante que poucos anos depois o imigrante alemão, escrivão e comerciante Knoll tenha sofrido uma tentativa de assassinato, cujo réu tenha sido defendido, justamente, pelo mesmo Cordova Passos. É importante ressaltar, porém, a possível ligação entre o prussiano e o capitão, visto que Georg Knoll foi colaborador, ao longo de sua estadia em Lages, do jornal *O Lageano* ligado, justamente, à mesma Loja Luz Serrana (Branco, 2001).

Neste mesmo ano, no mês de agosto, estourou a Guerra Federalista em Lages, que enterrou de vez o negócio de Georg Knoll. Nessa ocasião, o alemão então aliou-se ao Partido Republicano e lutou contra os maragatos (Brepohl, 1931). Tendo em vista que o capitão Córdova Passos se colocou como proeminente chefe federalista no município, existe a possibilidade da tentativa de homicídio ter tido origem, ou ter sido a razão, de uma ruptura entre Knoll e o capitão em um momento de crescente polarização entre os grupos políticos rivais em um momento em que o conflito já se desenvolvia desde o início do ano no Rio Grande do Sul (Axt, 2018). De qualquer maneira, a aliança do prussiano com os republicanos colocou-o no mesmo campo político, no contexto estadual, de personagens que dominariam a política catarinense desde então, como a família Ramos (em especial na figura de Vidal Ramos), Lauro Müller e Hercílio Luz (Carvalho, 2009, p. 74; Maciel, 2025).

Aparentemente, seu alinhamento foi recompensado pelo lado vencedor, visto que, após o fim do conflito, Knoll foi indicado a uma série de cargos públicos. Consta em sua biografia (Brepohl, 1931) que o prussiano teria se mudado para Campos Novos e, a partir de 1895, foi indicado para atuar como professor do município e, no mesmo ano, do Estado. Já em 1896, no *Almanach Catarinense* (1896, p. 81), ele aparece como membro do professorado

público em Campos Novos, e é mencionado como professor até o ano 1903, pelo jornal *O Imparcial* (1903, p. 4). Além disso, também atuou no legislativo municipal em Campos Novos, segundo Brepohl (1931), em 1899. Tal afirmação encontra respaldo nos registros do *Almanak Laemmert* (1902, p. 1437), nos quais é retratado como membro do Conselho Municipal.

Sua nomeação como professor municipal e estadual, bem como sua eleição para o Conselho Municipal revela uma relação amistosa com os grupos políticos dominantes no período por sua atuação durante o conflito, tanto em Campos Novos, governada pelo também alemão e partidário dos republicanos Henrique Rupp, como do Estado, governado por Lauro Müller em aliança com os Ramos. Além disso, também é possível que suas ligações tecidas com outros membros influentes da comunidade teuto-brasileira o possam ter ajudado a se inserir na vida pública. Em 1903, consta no jornal *República* que foi exonerado do cargo de professor do Estado e nomeado adjunto do promotor público da Comarca de Curitiba (República, 1903, p. 1) onde, posteriormente, assumiu a promotoria.

3.2 CURITIBANOS: ALIANÇAS E CONFLITOS

3.2.1 Sua atuação no município

As relações entre Georg Knoll e os poderes locais, evidenciadas em sua inserção em cargos como o de professor e promotor público, à época indicados pelo Governo do Estado, são bem demonstrativas das relações de poder que caracterizavam o regime político e a ordem social vigente na Primeira República, para além das habilidades e dos contatos que o imigrante possa ter construído. Este regime político e social de dominação de classe, chamado tradicionalmente de coronelismo, é a forma típica do exercício do poder neste contexto. Consistia, em primeiro lugar, no poder local do coronelato, baseado em grande medida na posse de grandes parcelas de terra, as quais davam a esta elite não apenas um importante poder econômico, como também sobre uma ampla parcela de agregados submetidos a sua autoridade. No Planalto Catarinense, segundo Paulo Pinheiro Machado (2003; 2004), esta configuração se deu na forma da criação de “parentelas”, redes de apadrinhamento entre proprietários e agregados que regiam as relações de trabalho e produção no ambiente rural a partir de uma série de direitos e deveres, mediados pelos costumes, esperados entre os membros da parentela.

O controle sobre os agregados era um mecanismo importante do funcionamento desse regime político, já que possibilitava ao coronel consolidar sua influência sobre a máquina pública e o Estado, tanto por meios institucionais quanto extra-institucionais. O principal meio para isso era, sobretudo, a possibilidade da vitória nas eleições locais e a negociação de apoios à eleição do Governo do Estado e Federal em troca de legitimidade e apoio político e de favores na nomeação de cargos públicos chave nos municípios. Machado (2004) chama a atenção para o fato de que essas vitórias eleitorais em geral não eram, a princípio, resultado das votações, nem mesmo de um esquema de cabresto realizado com agregados ou clientelas. Era sobretudo fruto da capacidade de mobilização bélica dessas elites locais para a intimidação do eleitorado — majoritariamente urbano e alfabetizado, diferentemente da ampla maioria dos agregados dos coronéis —, bem como para negociar seu lugar ao sol frente às suas próprias instâncias superiores (o Estado e a União) e seus rivais políticos.

José Murilo de Carvalho (1997) chama a atenção para o fato de que o poder dos coronéis não era absoluto, mas sim que havia um contexto de gradual desagregação de seu poder de controle nas localidades que os impelia a procurar apoio na máquina estatal para legitimar e impor seu poder. Segundo Machado (2003; 2004), era evidente que a dominação de classe desta elite encontrava dificuldades em municípios como Curitiba e em outras regiões do Planalto Catarinense, em especial no norte do Estado. Nesses territórios, a proximidade da fronteira agrícola e a fraqueza da presença do Estado em regiões mais interioranas colocava um entrave para o poder dos coronéis sobre seus agregados, que tinham a opção de mudar-se e tornar-se posseiros com mais autonomia em regiões fora do alcance de sua tutela. Assim, nesses locais havia uma correlação de forças um pouco mais favorável aos agregados, ao campesinato e aos posseiros, como evidenciado no seguinte exemplo trazido por Machado (2003):

Um ano após adquirir terras de pastagem e cultivo na região de Rio Bonito, o Coronel Henrique Rupp moveu uma Ação Possessória contra um morador, Ildefonso Rodrigues Padilha, que se dizia dono das mesmas terras. Após interpelação judicial, o posseiro deixou reconhecido em cartório que Rupp era o proprietário das terras e ele ficaria morando e plantando no local até quando seu proprietário deixasse. O curioso é que o morador não foi expulso, pois para Rupp bastava que sua propriedade fosse reconhecida, apesar da audácia do morador: nada foi feito para tirá-lo dali. A carência de trabalhadores, na região, obrigava o eminente Coronel a contemporizar com o intruso audaz (Machado, 2003, p. 73).

Nesse sentido, percebe-se aqui a importância da presença da máquina estatal e do controle desta pelo coronel. No exemplo acima, foi de suma importância a legitimação da posse privada da terra do coronel pelo juiz de paz da comarca para a consolidação de seu domínio, não apenas sobre a propriedade, mas também sobre o próprio camponês, mesmo que Henrique Rupp tenha sido impelido a mantê-lo vivendo ali. Assim, corrobora-se com a tese de Carvalho (1997) a respeito da caracterização de Nunes Leal sobre o coronelismo: a máquina estatal fazia-se cada vez mais necessária frente a decadência do domínio econômico e, portanto, social, dos coronéis. Se antes a definição do Estado sobre a propriedade privada da terra em 1850 havia encontrado resistências e diversos adiamentos feitos por parte desses poderes locais, que visavam a maleabilidade de suas posses e a possibilidade de sua expansão pela grilagem; agora o arbítrio estatal se tornava cada vez mais importante para a imposição e legitimação de seu poder sobre as populações subalternas.

Tendo isso em vista, podemos ter ideia do significado da indicação de Georg Knoll à promotoria pública da Comarca de Curitiba. Um promotor público pode ser parte acusatória em um processo em nome do Ministério Público, tem a incumbência de ouvir testemunhas, investigar e apurar crimes e irregularidades, tanto de entes particulares quanto de instituições públicas. Nesse sentido, é um cargo chave no sistema judiciário da localidade no que diz respeito ao poder político, podendo, por exemplo, agir contra a oposição e “blindar” a situação — tendo a capacidade de intervir em diversos casos, tanto na esfera criminal, quanto processos de litígio de terras e heranças. Em um município como Curitiba, que estava em uma região próxima à fronteira agrícola e contava naquela época com um importante segmento populacional de camponeses autônomos (Machado, 2004), bem como vinha de um contexto de acirrada disputa política intra-oligárquica — como trataremos mais adiante —, essa posição era de grande importância, exigindo que o indicado para o cargo fosse de confiança dos governantes locais. No caso de Curitiba, estamos tratando, mais especificamente, do coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, o então Superintendente Municipal, aliado da família Ramos e de Henrique Rupp (Machado, 2004).

3.2.2 Georg Knoll no jornal *O Trabalho*: em defesa da agricultura moderna

Como pode ser atestado no *Almanak Laemmert* (1913, p. 1814-1816), Georg Knoll não atuava apenas na promotoria pública. Acumulava, também, o cargo de chefe escolar no município, continuando com a sua atuação na educação que exerceu desde sua chegada a

Blumenau. Além disso, também era registrado como lavrador, tendo adquirido um pedaço de terra, a chácara Padre Eterno, onde geria o observatório meteorológico Observatório Nacional. Além disso, Knoll também foi um frequente colaborador, entre 1908 e 1910, do jornal *O Trabalho*, órgão oficial do Partido Republicano Catarinense em Curitiba e dirigido pelo próprio Superintendente Municipal, o coronel Francisco Ferreira de Albuquerque.

Deve-se ressaltar que sua colaboração com *O Trabalho* também tem um significado importante. Dentro do regime coronelista da Primeira República, a imprensa era um relevante veículo para o exercício do poder pela elite local. Para além de sua capacidade coercitiva de mobilização dos agregados, os coronéis e os partidos republicanos buscaram formar uma série de jornais nas cidades do interior, “redigidos por profissionais liberais e bacharéis” ligados aos poderes locais. Estes veículos estendiam a “setores sociais médios urbanos o discurso político e os interesses dos coronéis dominantes, conseguindo, desta maneira, consolidar sua força regional com maior legitimidade” (Machado, 2004, p. 94). Nesse sentido, foi confiado a Georg Knoll o papel de ser uma espécie de defensor e ideólogo do projeto político e econômico levado a cabo pela elite curitibanense.

Mas, que projeto era esse que Knoll defendia? Para quê levá-lo a cabo? Quais os desafios enfrentados para sua aplicação? A resposta para estas perguntas está na própria produção de Knoll no *Trabalho*. Georg Knoll evidencia a natureza do projeto que defendia quando discutiu em sua coluna o programa do Partido Republicano para a agricultura, na ocasião de uma “assembleia política” realizada na capital:

De todos os assuntos da economia do Estado, o mais notável pela importância é aquele ramo da vida pública que trata da agricultura, o alicerce de todo o bem estar de uma nação. [...] Onde o lavrador for proletário, algum ramo da vida pública não funciona com regularidade. [...] Feliz aquelas localidades onde nos domingos, aparecem as multidões de lavradores, bem vestidos e contentes, fazendo suas transações em dinheiro ou em produtos das suas lavouras, influenciando de um modo extraordinário o comércio e as indústrias. [...] Sou fisiocrata, compreendo que a fonte da nossa riqueza nacional é, e deve ser sempre, a agricultura: ela somente garante a independência completa de uma nacionalidade (Knoll, 1909a, p. 2).²¹

²¹ As citações no corpo do texto escritas em formas já não utilizadas da língua portuguesa padrão serão atualizadas em sua ortografia para o auxílio do entendimento do leitor, guardando-se a versão original em nota de rodapé, como a que se segue: “De todos os assuntos da economia do Estado, o mais notavel pela importancia, é aquelle ramo da vida publica que trata da agricultura, o alicerce de todo o bem estar de uma nação. [...] Aonde o lavrador for proletario, algum ramo da vida publica não funciona com regularidade. [...] Feliz aquellas localidades aonde nos domingos, apparecem as multidões de lavradores, bem vestidos e contentes, fazendo suas transações em dinheiro ou em produtos das suas lavouras, influenciando de um modo extraordinario o commercio e

Aqui, Georg Knoll deixa clara sua posição: a agricultura seria a maior ferramenta para o desenvolvimento econômico do país, com a criação de uma camada de pequenos proprietários que faria circular esta produção nos mercados. Nesse sentido, não apenas fazendo movimentar a economia monetária, a indústria e o comércio, garantindo, além disso, a independência nacional. Para afirmá-lo, baseava-se na doutrina fisiocrática, escola econômica do século XVIII que prega a primazia da agricultura sobre a economia, compreendendo a terra como a fonte fundamental da riqueza das nações e a agricultura como possibilitadora de todas as demais formas de desenvolvimento econômico.

A fisiocracia foi uma escola econômica que, mesmo após o advento e as críticas do liberalismo de Adam Smith, continuou a ter uma influência importante na economia política (Ribeiro; Cantarino, 2016). Mesmo na Alemanha, onde Knoll foi formado, esta parece ter sido uma realidade de forma geral, e determinadas políticas, como aquelas defendidas por Eduard Lucas (1849) pareciam compartilhar determinadas características em comum com o programa fisiocrata — isto é, o desenvolvimento agrícola como possibilitador do desenvolvimento econômico em geral (Mazoyer; Roudart, 2010) e, no caso da Alemanha de 1849, que permitiria o sustento das crescentes cidades alemãs e de sua nascente classe operária. Um argumento similar foi defendido por Knoll em outra edição do jornal. Nesta coluna, em que ressaltava a importância do desenvolvimento de um ensino agrícola para a agricultura moderna — algo que trataremos mais adiante —, Knoll tecia críticas àqueles que, desde os tempos do Império, “entendiam que a evolução civilizadora exigia que se transformassem os cafezais em fábricas de tecidos ou usinas metalúrgicas”²² e que a “lavoura era a tradição do tempo antigo; dizer que a economia do país se apoiava nela era uma demonstração do atraso” (Knoll, 1910, p. 2).²³ Para estes, o prussiano respondeu:

O Brasil progrediu de fato, adquiriu novas forças, adquiriu iniciativas que não tinha, pôs em exercício energias adormecidas, criou indústrias, devassou novos horizontes econômicos, mas a lavoura ficou, como não podia deixar de ficar, como o elemento básico da sua riqueza, o trabalho e a fortuna acessíveis ao maior número, a indústria forçada pelas condições do território.

as indústrias. [...] Sou physiocratista; compreendo que a fonte da nossa riqueza nacional é, e deve ser sempre, a agricultura: ella somente garante a independencia completa de uma nacionalidade”.

²² [...] entendiam que a evolução civilizadora exigia que se transformassem os cafezaes em fábricas de tecidos ou usinas metalúrgicas.

²³ [...] lavoura era a tradição do tempo antigo; dizer que a economia do paiz se apoiava nella era uma demonstração do atrazo.

O Brasil continuou a ser, mais do que nunca, “um país essencialmente agrícola” (Knoll, 1910, p. 3).²⁴

O promotor colocava-se, portanto, em defesa da agricultura não como característica do atraso nacional. Pelo contrário, como a força motriz de seu progresso econômico e social. Tal visão, para além de qualquer convicção que possa ter sido fruto de sua vivência em Geisenheim e de seu contato com as ciências agrícolas alemãs, é importante compreender que Knoll se dirigia, antes de tudo, ao público letrado curitibanense, sob a anuência de seu diretor, o coronel Albuquerque, ao qual pertencia o jornal. Enquanto órgão oficial do Partido Republicano, claramente seguia os interesses de seus dirigentes em sua linha editorial.

Nesse sentido, o discurso de primazia da agricultura para o desenvolvimento do país, em especial vindo de regiões periféricas do Brasil, como o caso de Curitiba e mesmo o Estado de Santa Catarina, encontra sintonia com a chamada política “ruralista”. No contexto da Primeira República, o “ruralismo” foi um projeto político e econômico criado pelas elites oligárquicas periféricas do país, aquelas que não tinham o café como principal produção e que mais dependiam do mercado interno. Para defender seus interesses, essas elites dissidentes fundaram a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), que se tornou uma espécie de mentora intelectual e material deste projeto. A partir de sua fundação, a SNA passou a fazer um intenso *lobby*, sendo responsável pela criação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), que também foi uma importante ferramenta para impulsionar essa política a nível nacional (Carvalho, 2009; Silva e Mello, 2012).

Em Santa Catarina, havia uma polarização das elites em torno desta política. Segundo Tarcísio Motta de Carvalho (2009) e Marcos Juvencio de Moraes (2012), havia uma divisão entre os grupos políticos dentro do Partido Republicano dirigidas, por um lado, por Hercílio Luz e Adolpho Konder e, por outro, por Vidal Ramos e Lauro Müller. Enquanto Hercílio Luz teria se aproximado, segundo Moraes (2012), dos interesses da nascente elite industrial teuto-brasileira do Vale do Itajaí, Müller e Ramos, aos quais Georg Knoll era aliado, seriam aqueles que se aproximavam da elite rural da região serrana, defendendo com veemência as políticas ruralistas. Como chama a atenção Carvalho (2009), o próprio Lauro Müller havia integrado a direção nacional da SNA. Francisco Ferreira de Albuquerque era

²⁴ O Brasil progrediu de facto, adquiriu novas forças, adquiriu iniciativas que não tinha, pôz em exercício energias adormecidas, criou industrias, devassou novos horizontes economicos, mas a lavoura ficou, como não podia deixar de ficar, como o elemento básico da sua riqueza, o trabalho e a fortuna accessiveis ao maior numero, a industria forçada pelas condições do territorio. O Brasil continuou a ser, mais do que nunca, “um paiz essencialmente agricola”.

apadrinhado de Vidal Ramos e ele próprio representante da elite agrária de Curitiba, o que pode explicar sua adesão a este projeto.

Ser ruralista significava defender uma dinamização da economia nacional a partir da diversificação e modernização da agricultura para além do café, ou seja, na busca por novas culturas produtivas, na ocupação de novos territórios para a expansão da fronteira agrícola e uma intensificação do uso da terra mediante à aplicação de técnicas científicas de cultivo visando uma produção de maiores excedentes para circular nos mercados. Finalmente, era defendida a criação de uma camada camponesa de pequenos e médios proprietários que, a partir da venda de seus excedentes, ajudaria a ampliar e dinamizar a economia e o mercado interno nacional (Carvalho, 2009; Silva e Mello, 2012). Nesse sentido, defendia-se, como aspecto central do projeto, a divulgação dos conhecimentos científicos na agricultura para o campesinato nacional, como saudou Georg Knoll na mesma coluna:

[...] Em resumo, o que se pensa e se busca fazer é que a indústria agrícola se enriqueça, enriquecendo o país. [...] o grande estadista republicano [João Pinheiro] tinha a compreensão nítida de que não ‘há nações independentes com o estômago vazio’ [...] A Escola de Agricultura que o sr. Rodolpho Miranda deliberou criar, com o caráter de eficiência prática que os institutos modernos exigem, está a destinada a exercer na lavoura em geral a influência exercida directamente sobre as de Minas e pelas fazendas-modelo e pelo ensino suggestivo iniciado pelo inolvidável reformador. Ela fecha, no domínio da instrução agrícola, o sistema de disseminação de conhecimentos e processos eficazes, em que os professores agrícolas ambulantes representam tão destacado papel; e deve atirar por todo o território nacional, com mais frequência nas circunscções de lavoura atrasada, porque são os pontos mais propícios às compensações do trabalho profissional, os mestres de cultura aperfeiçoada, que irão fazer opulentos os trechos de terra rica e abundantes aquelas que só tiravam da rotina minguados efeitos (Knoll, 1910, p. 2-3).²⁵

O autor toma como exemplos a serem seguidos os projetos realizados por dois importantes políticos da época. O primeiro a ser citado, João Pinheiro, foi presidente de

²⁵ [...] Em resumo, o que se pensa e se busca fazer é que a industria agricola se enriqueça, enriquecendo o paiz. [...] o grande estadista republicano [João Pinheiro] tinha a comprehensão nitida de que não ‘ha nações independentes com o estomago vasio’ [...] A Escola de Agricultura que o sr. Rodolpho Miranda deliberou crear, com o character de eficiencia pratica que os institutos modernos exigem, está a destinada a exercer na lavoura em geral a influencia exercida directamente sobre as de Minas e pelas fazendas-modelo e pelo ensino suggestivo iniciado pelo inolvidavel reformador. Ella fecha, no dominio da instrucção agricola, o systema de disseminação de conhecimentos e processos efficazes, em que os professores agricolas ambulantes representam tão destacado papel; e deve atirar por todo o territorio nacional, com mais frequencia nas circumecripções de lavoura atrazada, porque são os pontos mais propicios ás compensações do trabalho profissional, os mestres de cultura aperfeiçoada, que irão fazer opulentos os trechos de terra rica e abundantes aquellas que só tiravam da rotina minguados effeitos.

Minas Gerais entre 1906 e 1908, e levou a cabo um projeto de construção de fazendas-modelo com o intuito de propagar métodos práticos fundamentados nos saberes científicos para a agricultura e a pecuária, ao lado de um ensino teórico a respeito do funcionamento do solo e do crescimento das plantas (Gonçalves; Versieux, 2015). Já Rodolpho Miranda foi ele próprio ministro da Agricultura, Indústria e Comércio no MAIC entre 1909 e 1910, e adotou uma série de políticas de caráter ruralista, como a instituição do ensino agrônomo e a fundação da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (que é atualmente a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no campus Seropédica), seguindo o mesmo ideal de propagação dos saberes científicos sobre a agricultura. Além disso, atuou na fundação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPIILTN), visando a integração das populações indígenas e “caboclas” — aqui entendidos como o campesinato de origem nacional, composto por sitiantes, ervateiros, posseiros e pequenos proprietários habitantes das regiões sertanejas, como o Planalto Catarinense (Machado, 2004) — neste projeto.

Tais medidas foram reproduzidas por sucessivos governos estaduais catarinenses, mediante à instalação de Estações Agrônomicas e à criação de políticas de “instrução” agrícola, tanto em técnicas de manejo do solo e das plantas, como na distribuição de mudas de culturas economicamente interessantes. Vale ressaltar que tais políticas foram postas em ação largamente apenas nas regiões de colonização europeia, em especial no Vale do Itajaí, negligenciando o Planalto Catarinense. No Planalto, havia uma única estação agrônoma nas primeiras décadas do século XX, a de Lages (Carvalho, 2009). Nesse sentido, pode-se inferir que seu discurso no jornal, ao advogar por essas políticas, também age no sentido de exigir a ampliação dessas medidas pelo Planalto, algo que poderia ser de grande interesse para Albuquerque e seu grupo político. Além disso, somavam-se as políticas de ocupação territorial, povoamento e colonização com imigrantes europeus visando o “progresso” no campo e compreendendo esse novo componente demográfico como superior ao trabalhador nacional, o caboclo. Neste mesmo sentido, também trabalhava o SPIILTN, que visava integrar estes caboclos ao mercado de trabalho e à chamada agricultura moderna (Carvalho, 2009).

Este projeto ruralista seguia um longo processo no Brasil, que se confundia com a construção do próprio conceito de nação pensado pelas elites. Segundo Antônio Robert Moraes (2002), a colonização portuguesa no Brasil caracterizou-se pela criação de extensos “fundos de território”. Isto ocorreu pela implementação de um modelo de colonização baseado na ocupação de uma pequena área litorânea, seguido de faixas pioneiras de ocupação

nas regiões de fronteira do Brasil, como fortalezas ou colônias militares. No meio dessas duas ocupações, formaram-se esses fundos, habitados principalmente por populações indígenas, quilombolas e caboclos. Apesar de estarem dentro do território português — e posteriormente brasileiro — essas regiões não estavam integradas à exploração econômica, nem sob um domínio estatal efetivo.

Com a independência, seguiu-se um processo permanente de ocupação destes fundos de território. Também denominados de sertões, passaram a representar no imaginário das elites nacionais a razão do atraso econômico e cultural do país, não apenas por não ser economicamente explorado, mas por uma visão de sua população, a indígena e cabocla, como profundamente ignorante e fanática, sendo ainda incapaz de trabalhar a terra e produzir riqueza do modo desejado. Nesse sentido, a identidade da nação foi atrelada ao seu “vir a ser”, a um progresso que dependia, no fim das contas, da reprodução do sentido da colonização: a abertura de territórios para a extração de seus recursos e o domínio de sua gente. Para as diferentes elites regionais, os fundos eram um importante capital em potencial, sendo tidos como a chave da riqueza de seus estados. A forma como os escritores teuto-brasileiros descreviam sua ação de transformação pelo trabalho da imponente natureza brasileira em riqueza e prosperidade era, de certa maneira, a realização desta ideia.

Neste sentido, podemos entender como a política ruralista servia a este projeto modernizante — e de construção da própria nacionalidade — em vários sentidos. Em primeiro lugar, de ocupação destes fundos de território e sua integração aos mercados e, por outro, trazer novos elementos de origem europeia de modo a suplantar o “atraso” que representava a presença indígena e cabocla, retirando-os de sua situação de “apatia” econômica e social (Oliveira, 2015). É neste sentido que Georg Knoll saudou, no *Trabalho*, a chegada de dois mil imigrantes austríacos ao município:

[...] em poucos anos, onde hoje passa os pés forasteiros do botocudo, veremos enormes trigais e vinhais capazes de abastecer todos os mercados das cidades do sul. [...] O governo do Estado de Santa Catarina deve animar essa imigração e principalmente facilitar a aquisição de lotes para colonos que aqui queiram estabelecer-se, simplificando o processo de aquisição de terras para os recém-chegados. [...] Atrair essa soma de energia e atividade para fazer dos nossos sertões, agora abandonados, um núcleo próspero, um centro populoso, rico e feliz deve ser nosso objetivo (Knoll, 1908a, p. 1-2).²⁶

²⁶ [...] em poucos annos, onde hoje passa os pés forasteiros do botocudo, veremos enormes trigais e vinhaes capazes de abastecer todos os mercados das cidades do sul. [...] O governo do Estado de Santa Catharina deve animar essa immigração e principalmente facilitar a aquisição de lotes para colonos que aqui queiram estabelecer-se, simplificando o processo de aquisição de terras para os recém-chegados. [...] Attrahir essa soma

Ocupar os sertões abandonados e transformá-los em centros populosos, ricos e felizes, abastecendo os mercados do sul, era este o objetivo. Quanto a chamar os botocudos²⁷ de “forasteiros”, esta foi uma escolha interessante de termos. Demonstra o caráter da construção da nova pátria: ela não será o lar do botocudo. Do contrário, a nova nação é a negação da permanência de seu modo de vida. Para isso estava posto o SPILTIN, visando transformar o indígena em camponês brasileiro, e seu território em fonte de riqueza. Algo similar se coloca para o campesinato caboclo, ele mesmo, aliás, alvo do SPILTIN, apesar de não ser tratado em termos tão radicais.

A respeito disso, o ruralismo apregoava a instrução agrícola, como já mencionado anteriormente. Visava propagar o conhecimento científico, substituindo o saber camponês e racionalizando sua produção, visando um aumento da produtividade de mercadorias e a ativação da economia, servindo também para transformar o sertão. A respeito disso, Georg Knoll traçou seu diagnóstico da situação da agricultura curitibanense:

No meu entender a fonte principal do atraso da nossa lavoura é a ignorância completa do lavrador em tudo o que é modernismo na agricultura. Vamos, meus senhores, olhar para os instrumentos dos nossos lavradores, para o sistema que eles usam e verificaremos que no nosso Estado, com poucas e honrosas exceções temos conservado o método agrícola que D. Sancho em 1185 começou a desenvolver em Portugal. [...] Os nossos produtos com o actual sistema tornam-se muito caros; eles não podem entrar em concorrência com os productos de um lavrador que trabalha com machinas modernas. O nosso lavrador não tem o mais leve conhecimento sobre a construção geológica do solo [...]. Já nas nossas escolas primárias o governo poderia distribuir algum ensino agrícola [...]. Sempre a mesma rotina, o velho caminho e o mesmo horror para tudo o que é moderno e práctico. [...] Terra que não produz não pode ter valor (Knoll, 1909b, p. 2).²⁸

de energia e actividade para fazer dos nossos sertões, agora abandonados, um nucleo prospero, um centro populoso, rico e feliz deve ser nosso objetivo.

²⁷ O termo “botocudos” refere-se ao povo indígena Laklãnõ-Xokleng, habitantes tradicionais de uma faixa territorial que se estende do sul do Estado de São Paulo ao norte do Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, tiveram uma importante presença no Vale do Itajaí, onde entraram em conflito com os recém chegados colonos alemães que passaram a ocupar seus territórios a partir de meados do século XIX. Vistos como um entrave aos empreendimentos coloniais, foram alvo, por um lado, de uma série de campanhas de extermínio por e, por outro, de confinamento e assimilação pelo SPILTIN. O nome “botocudo” foi dado em referência a um enfeite de madeira utilizado pelos adultos deste povo abaixo do lábio. Ver o livro *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850–1926)* de Luiza T. Wittmann (2007).

²⁸ No meu entender a fonte principal do atraso da nossa lavoura é a ignorancia completa do lavrador em tudo o que é modernismo na agricultura. Vamos, meus senhores, olhar para os instrumentos dos nossos lavradores, para o systema que eles usam e verificaremos que no nosso Estado, com poucas e honrosas exceções temos conservado o methodo agrícola que D. Sancho em 1185 começou a desenvolver em Portugal. [...] Os nossos productos com o actual systema tornam-se muito caros; elles não podem entrar em concorrência com os productos de um lavrador que trabalha com machinas modernas. O nosso lavrador não tem o mais leve

E em outra coluna, Knoll repetiu seu argumento:

Mas também é uma verdade que este sistema primitivo que predomina na nossa agricultura, não pode continuar, pois a maior parte dos nossos lavradores ignora completamente, a cultura intensiva da terra e ocupa-se somente, com a plantação do indispensável para a subsistência própria. [...] Não havendo quem lhe mostrem continua o nosso lavrador naquele sistema atual, que pouco lucro dá (Knoll, 1908b, p. 2).²⁹

Assim como Friedrich von Lade e Eduard Lucas se preocupavam com a competitividade da produção agrícola, Georg Knoll também chamou a atenção para este fato, entendendo ser essencial, para a manutenção da riqueza gerada pela agricultura, que ela pudesse se manter frente à pressão dos mercados. Além disso, assim como Albrecht Thaer, preocupa-se com o lucro enquanto finalidade da produção, colocando, na prática, o agricultor enquanto proprietário de uma empresa. Dessa maneira, a modernização defendida diz respeito ao desenvolvimento de uma economia capitalista no campo e no seio do campesinato, levada a cabo pelas elites fundiárias do país, integrando finalmente os sertões.

Nesse sentido, assim como a Alemanha, o Brasil — com o ruralismo e a ocupação do sertão — também passava por sua “modernização conservadora”, como colocado por Moore Jr. (1983), mantendo a ordem já estabelecida. Como ressaltado por José Murilo de Carvalho (1987), a república, apesar das expectativas que foram alimentadas por alguns setores intelectuais em um primeiro momento, de uma democratização do regime e um maior espaço de atuação política para as camadas populares, manteve os aspectos excludentes do anterior regime. Dessa maneira, a república apontava para uma modernização enquanto norte político, para a construção de uma economia e sociedade tendo como base o cientificismo, o racionalismo e uma economia capitalista moderna (Mello, 2009), mantendo em grande medida a ordem social anterior (Carvalho, 1987).

Como podemos ver, Georg Knoll foi um promotor do ruralismo e da modernidade para o público do *Trabalho*, tendo em seu discurso tanto aspectos em comum com aqueles das políticas modernizantes alemãs, apregoadas em Geisenheim e no contexto acadêmico que

conhecimento sobre a construção geológica do solo [...]. Já nas nossas escolas primárias o governo poderia distribuir algum ensino agrícola [...]. Sempre a mesma rotina, o velho caminho e o mesmo horror para tudo o que é moderno e prático. [...] Terra que não produz não pode ter valor.

²⁹ Mas também é uma verdade que este sistema primitivo que predomina na nossa agricultura, não pode continuar, pois a maior parte dos nossos lavradores ignora completamente, a cultura intensiva da terra e ocupa-se somente, com a plantação do indispensável para a subsistência própria. [...] Não havendo quem lhe mostrem continua o nosso lavrador naquele sistema actual, que pouco lucro dá.

esteve inserido em sua terra natal, como com outros atores da Primeira República, tanto em um plano estadual como nacional. Se colocava, nesse sentido, ao atuar no jornal, como um intelectual que buscava disseminar na sociedade uma consciência a serviço da classe que representava para o exercício da hegemonia, ou seja, enquanto ator de uma ação social moral de uma classe sobre as demais que constrói, a partir do consenso, um conjunto de valores dotados de força para se tornarem universais (Gramsci *apud* Carvalho, 2009, p. 25). Mas, para além de um formulador teórico da modernidade na agricultura, Knoll também atuou de outras formas, como pode ser visto na seguinte matéria:

A agricultura, como todos sabem, é a principal fonte de riquezas de um Estado ou país. Já os antigos gregos nos ensinaram isto no século VIII.

Mas para desenvolver satisfatoriamente este importante ramo de necessidade actual, é preciso ter sólidos conhecimentos agrícolas, teóricos e práticos, e consultar bons livros, que descrevam minuciosamente o modo como se deve tratar a terra e em particular a semente, porque sua reprodução nem sempre é, natural, havendo outros meios que se empregam para sua mais prompta e fácil germinação.

E é ao município de Curitibaanos que cabe dar esse passo à frente, porque seu solo fertilíssimo como nenhum outro!

Já estávamos para comentar a falta de bons livros e boas sementes, quando soubemos ter o Exmo. sr. il. Secretário da Agricultura do Estado de S. Paulo, remetido gratuitamente, para o sr. capitão Jorge Knoll os livros seguintes: Do autor Conde do Pinhal.

a) Arithmetica Geometria Prática e Contabilidade Agrícola, b) Noções de Física e Química Agrícola, c) Zoologia Agrícola. d) Botânica Geral e Agrícola, e) Botânica Agrícola.

Do autor João Tibiriçá - a) Tecnologia Agrícola, b) Patologia Animal e Vegetal, c) Fitotécnica, d) Botânica Agrícola.

Aplaudimos com imenso júbilo o nobre procedimento do esclarecido Secretário da Agricultura do Estado de S. Paulo, e estamos certos de que o sr. Jorge Knoll, espírito cultivado e prático como é, não vacilará, a pôr em ação, segundo os processos mais modernos, as sementes recebidas.

Aconselhamos àqueles que precisarem dessas sementes e de alguns esclarecimentos sobre a lavoura a procurarem o sr. Jorge Knoll (O Planalto, 1909, p. 4).³⁰

³⁰ A agricultura, como todos sabem, é a principal fonte de riquezas de um Estado ou Paiz. Já os antigos gregos nos ensinaram isto no seculo VIII.

Mas para desenvolver satisfatoriamente este importante ramo de necessidade actual, é preciso ter solidos conhecimentos agricolas, theoreticos e praticos, e consultar bons livros, que descrevam minuciosamente o modo como se deve tratar a terra e em particular a semente, porque sua reproducção nem sempre è, natural, havendo outros meios que se empregam para sua mais prompta e facil germinação.

E é ao municipio de Curitybanos que cabe dar esse passo à frente, porque seu sólo fertilissimo como nenhum outro!

Já estávamos para commentar a falta de bons livros e boas sementes, quando soubemos ter o Exmo. sr. il. Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, remetido gratuitamente, para o sr. capitão Jorge Knoll os livros seguintes: Do auctor Conde do Pinhal.

a) Arithmetica Geometria Pratica e Contabilidade Agricola, b) Noções de Physica e Chimica Agricola, c) Zoologia Agricola. d) Botanica Geral e Agricola, e) Botanica Agricola.

Em primeiro lugar, esta matéria, publicada no jornal *O Planalto* de Curitiba no primeiro dia de janeiro de 1909, demonstra que Georg Knoll parece ter sido capaz de tecer ligações em escala nacional a partir das redes dos Partidos Republicanos e da SNA, e parece estar bem integrado nos debates teóricos a respeito da agricultura no Brasil, trocando correspondência com atores importantes do período, inclusive de outros estados. O secretário de agricultura de São Paulo enviou para Knoll dois livros de teoria agrícola, um escrito pelo naturalista João Tibiriçá, e outro escrito pelo conde do Pinhal, cujos filhos Jorge Tibiriçá e Carlos Botelho, eram até o fim de 1908, respectivamente, presidente e secretário da agricultura em São Paulo, representando uma ala dissidente do Partido Republicano Paulista alinhada às políticas de ruralistas (Ferraro; Figueiroa, 2021).

É evidenciada, porém, uma colaboração que vai além disso. Knoll recebeu sementes de seu correspondente paulista, e parecia estar aberto a distribuí-las a quem se interessasse, havendo divulgação pública para este fim. Nesse sentido, o alemão colocou-se como um agente ativo da modernização da agricultura descrita por Carvalho (2009), ao incentivar novas sementes e uma produção de culturas economicamente viáveis. É possível que ele servisse, desta forma, para além de promotor público, como um agente informal da promoção das políticas ruralistas e da educação agrícola levadas a cabo pelo Estado de Santa Catarina no período.

Tal atitude também permite indagar o objetivo da indicação de Georg Knoll como chefe escolar em Curitiba junto à superintendência de Albuquerque. Tendo em vista o argumento de José Murilo de Carvalho (1997) acerca da importância das indicações de funcionários públicos para a política coronelista, existe a possibilidade de que Knoll fosse um agente útil na escola para a divulgação dos tão saudados saberes científicos na agricultura. Além disso, segundo Machado (2004), Francisco Ferreira de Albuquerque era tido como um político empreendedor, tendo ampliado a rede de escolas e construído obras de infraestrutura e logística como estradas e pontes pelo interior do município. A retórica da modernização, nesse sentido, condiz com sua trajetória e seu discurso político enquanto um modernizador de

Do auctor João Tibiriçá - a) *Technologia Agricola*, b) *Pathologia Animal e Vegetal*, c) *Phytotechnica*, d) *Botanica Agricola*.

Applaudimos com immenso jubilo o nobre procedimento do esclarecido Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, e estamos certos de que o sr. Jorge Knoll, espirito cultivado e pratico como è, não vacillarà, a por em acção, segundo os processses mais modernos, as sementes recebidas.

Aconselhamos àquelles que precisarem dessas sementes e de alguns esclarecimentos sobre a lavoura a procurarem o sr. Jorge Knoll.

Curitibanos. Desta forma, podemos levantar a possibilidade de que Georg Knoll também cumpria um papel significativo na política e na afirmação da legitimidade do governo de Coronel Albuquerque e da direção do Partido Republicano curitibanense junto ao eleitorado e ao próprio governo catarinense, como ator de promoção dos discursos e práticas modernizadoras no campo.

3.2.3 Os Knoll e a crise em Curitibanos

“Tudo que é sólido se desmancha no ar” (Engels; Marx, 1997, p. 14), esta é uma frase que, guardadas as diferenças contextuais de seu uso original, parece explicar bem a realidade política de Curitibanos e do próprio Georg Knoll a partir de 1913. Enquanto ele se dedicava à promotoria pública e à imprensa, em aparente aliança com Albuquerque, gestava-se uma importante crise que abalou o município. A concepção da crise ocorreu ainda em 1902, com a vitória do Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque para a Superintendência Municipal contra seu rival Henrique de Almeida “Sênior”. A eleição havia sido muito disputada, e a vitória eleitoral havia sido, inicialmente, de Almeida. Ocorre porém que Albuquerque entrou com um recurso contra o resultado, questionando a eleição no Congresso Representativo, que tinha a atribuição neste momento de mediar disputas eleitorais. Valendo-se de sua proximidade com a família Ramos, que à época estava no Governo do Estado na figura de Vidal Ramos, o questionamento foi favorável ao coronel, que conseguiu mudar o resultado a partir de votos conquistados a “bico de pena”³¹ que supostamente teriam faltado computar no distrito de Canoinhas, então pertencente a Curitibanos (Machado, 2004, p. 193-194). Este era um esquema comum à Primeira República para a manipulação de resultados para favorecer a situação no Estado em detrimento de alas opositoras.

A partir daí, o filho de Henrique de Almeida, chamado de Henrique de Almeida Jr., ou Henriquinho, se dedicaria à oposição política contra Albuquerque com apoio de Henrique Rupp Jr., filho do velho Rupp, que havia sido eleito Superintendente de Campos Novos em 1911. Em 1913 a crise política envolvendo esses atores se instalou, e Georg Knoll estava envolvido de maneira muito próxima aos acontecimentos que a desencadearam.

³¹ O chamado bico de pena foi uma forma de manipulação eleitoral comum na Primeira República, na invalidação de votos indesejáveis pela verificação das eleições no Congresso do Estado e pela manipulação das atas eleitorais.

Tudo começou quando José Knoll, filho de 18 anos de Georg Knoll (Passo Fundo, 1949), soube que o coronel Albuquerque estava tendo um caso com a esposa do influente comerciante João Alves Sampaio, do qual era caixeiro e genro. Ele havia flagrado o coronel saindo de madrugada da casa do comerciante, e teria tentado alvejar o invasor, sem sucesso. Desde então, José e a família Sampaio passaram a ser alvo de um assédio constante por parte da polícia comandada por Albuquerque, que havia pedido um destacamento vindo da capital acusando que a família preparava um levante armado contra sua administração (Morais, 2024, p. 48). A princípio, os Sampaio e o jovem Knoll, provavelmente sentindo-se encurralados, buscaram distensionar a situação, publicando pedidos públicos de desculpas a Albuquerque no *Trabalho*:

Tendo eu propalado nesta Vila e Município que em dias do mês de Novembro, do ano findo por motivos particulares tentei contra a vida do ilustre sr. coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, popular chefe político e zeloso Superintendente Municipal, e como isto não passou apenas de uma fraqueza sem qualificativo, devido a minha idade de jovem e inexperiente porque jamais pratiquei tal tentativa como o próprio sr. cel. Albuquerque não ignora, e por esse motivo, para que desapareçam todas as más informações a respeito, venho por meio desta declarar ao respeitável público o fato, e perante o ilustre Chefe Sr. Coronel Albuquerque implorar perdão para mim, o qual espero confiante na sua acostumada e reconhecida tolerância e generosidade que serei perdoado. Curitibanos, 12-1-1913. (Assignado) José Knoll. (Firma reconhecida) (O Trabalho, 1913a, p. 2).³²

Posteriormente, porém, buscaram os jornais da capital, em particular o *Folha do Comércio*, para denunciar a perseguição que ocorria no município (Morais, 2024). Isso acirrou os conflitos com Albuquerque, que continuou sua campanha no jornal, por um lado, para desacreditar a oposição, mas por outro, para mobilizar seus próprios aliados. Consta no *Trabalho* (1913b, p. 1) uma manifestação organizada pelo coronel em seu apoio, realizada com grande pompa pelas ruas de Curitibanos, reunindo apoios políticos e abaixo-assinados. No que diz respeito a José Knoll, a campanha contra ele também continuou. Foi taxado de criminoso e propenso ao assassinio (Morais, 2024, p. 56). A crise política em Curitibanos era

³² Tendo eu propalado n'esta Villa e Municipio que em dias do mez de Novembro, do anno findo por motivos particulares tentei contra a vida do illustre sr. coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, popular chefe Politico e zeloso Superintendente Municipal, e como isto não passou, apenas de uma fraqueza sem qualificativo, devido a minha idade de jovem e inexperiente porque jamais pratiquei tal tentativa como o proprio sr. cel. Albuquerque não ignora, e por esse motivo, para que desapareçam todas as más informações a respeito, venho por meio desta declarar ao respeitavel publico o facto, e perante o illustre Chefe Sr. Coronel Albuquerque implorar perdão para mim, o qual espero confiante na sua acostumada e reconhecida tolerancia e generosidade que serei perdoado. Curitybanos, 12-1-1913. (Assignado) José Knoll. (Firma reconhecida)

tamanha que, segundo Machado (2004), muitos membros da família Sampaio se juntariam aos rebeldes nos redutos da Guerra Sertaneja do Contestado em oposição a Albuquerque.

Apesar de não haver registros a respeito da conduta de Georg Knoll nesse contexto, é possível deduzir que o envolvimento de seu filho primogênito, em tamanha polêmica pode ter sido um fator de desgaste na sua posição na vida pública em Curitiba, podendo tê-lo impellido a alinhar-se com a oposição e os Sampaio. Além disso, apesar da aliança evidente com Albuquerque, Knoll já não publicava no jornal *O Trabalho* desde 1910, o que pode sugerir um gradual afastamento deste do governo local desde antes do estouro da crise. É importante notar também que nem José nem Georg Knoll assinam o abaixo-assinado supracitado convocado por Albuquerque em seu apoio, mesmo quando, em plena crise política, conhecidos opositores do coronel como o próprio Henriquinho assinaram.³³ Dessa maneira, evidencia-se ainda mais fortemente a ruptura entre estes personagens.

Também é relevante ressaltar que o casamento entre o filho do promotor e a filha de um importante comerciante e político em ascensão como era o caso de João Sampaio (Morais, 2024), denota uma aliança política dos Knoll no município, e pode ter sido uma forma de fortalecer sua posição neste novo ambiente. Dessa maneira, é possível que o casamento consumado entre seu filho e Horácia Sampaio, filha do comerciante, seja uma forma de formar uma parentela própria ligada a este setor da elite curitibanense — a família Sampaio —, mais consolidada na política municipal e tradicional aliada de Henriquinho. Nesse sentido, corrobora-se com a tese da ruptura pela relação de parentesco e aliança com estes setores que, até 1913, conviviam com o “albuquerquismo” no poder (Morais, 2024), mas que logo romperam, podendo explicar a atuação e posterior afastamento de Georg do jornal *O Trabalho*³⁴.

Não se sabe exatamente a data, mas entre, pelo que há de registro, 1915 e 1917, Georg Knoll atuou na promotoria pública da Comarca de Palhoça. É possível que ele possa ter sido retirado do cargo por razão de suas ligações políticas, ou até mesmo ter escolhido ir embora de Curitiba à medida que a crise política entre Albuquerque e a oposição se desenvolvia em algum momento a partir de 1913. Além disso, o desenvolver da Guerra

³³ Ver anexo A da dissertação de João Felipe Alves de Moraes (2024), *As brumas e a lama: o coronelismo e a Guerra do Contestado em Curitiba/SC*, contendo o abaixo-assinado convocado por Albuquerque publicado no jornal *O Trabalho* em 1913.

³⁴ É importante ressaltar que a família Sampaio costumava ser colaboradora do jornal e já havia participado, junto de Albuquerque e Henriquinho, da direção do Partido Republicano no município. Albuquerque, até os anos de 1912 e 1913, tinha uma posição política forte, e foi a partir da crise que começou a ser questionada de forma mais séria e aberta por esses atores (Morais, 2024).

Sertaneja do Contestado e a cada vez maior proximidade dos rebeldes da cidade de Curitiba gerava insegurança entre os moradores e os fazendeiros. Neste período, em particular no ano de 1914, foi comum a saída de cidadãos da vila para outras localidades serra abaixo, como Blumenau. Nesse mesmo ano, o próprio coronel Albuquerque se afastou de seu cargo, deixando-o com Marcos Gonçalves de Farias, e foi para a capital, com medo de que os rebeldes sertanejos tomassem a cidade (Morais, 2024). Por isso, é também factível que, para além da difícil situação envolvendo seu filho e os Sampaio, Georg Knoll tenha optado por sair de Curitiba para preservar-se do conflito.

3.2.4 “Aos meus poucos desafetos, desejo milhares de felicidades”: Uma breve passagem por Palhoça

Estando na promotoria da comarca de Palhoça, Knoll continuou dedicando-se a atividades políticas, ocupando-se em participar da junta diretora do Partido Republicano no município (O Estado, 1915, p. 2). A rápida integração do alemão à política palhocense pode parecer impressionante, mas faz sentido. Ela indica uma sólida posição dentro do aparato de Estado e nos círculos da elite estadual e inclusive nacional, como acusado pela pública relação com o Secretário de Agricultura de São Paulo, visto que sua nomeação como promotor provavelmente foi referendada pelos poderes locais que deviam tê-lo como uma boa opção.

Os registros de sua presença em Palhoça datam desde 1915, quando seu nome é citado em processos de arrolamento de terras na comarca (Memória TJSC, 1915). Seu nome também é muito citado pela imprensa nesse período, agora não mais dando-lhe espaço para defender políticas agrícolas ou quaisquer outras, senão para realizar uma agressiva campanha política contra sua permanência na promotoria. Como consta no *Clarão*, o motivo — ou a desculpa —, a princípio, parece ter sido uma polêmica envolvendo um professor brasileiro e um colono alemão chamado Westphal, acusado de desacato contra o primeiro (O Clarão, 1916, p. 1), e uma suposta ordem de prisão efetuada por Georg Knoll contra o professor:

Todos os Estados do Brasil não conquistados pela Alemanha, fizeram uma limpa expurgando das repartições públicas Estaduais e Federais e até de estradas de ferro, o elemento pernicioso de espiões e traidores do Brasil, os celebrizados súditos do Kaiser.

Aqui onde o governador é alemão de origem e coração continua a manter com o seu bafejo oficial nas repartições estaduais e escolas públicas os seus patrícios da “kultur” como auxiliares do pangermanismo. O mais reles e

cachorro alemão Jorge Knoll, promotor publico da comarca da Palhoça que em janeiro do ano passado mandou prender um brasileiro por ter dado um viva ao Brasil, até hoje continua no exercício pleno desse cargo para castigar a todos os “colonos brasileiros” que não aderirem e vivarem a Alemanha! (O Clarão, 1917a, p. 4).³⁵

O jornal *O Clarão*, fortemente anticlerical (Poluceno, 2008) e alinhado à época com a oposição ao Governo do Estado, tecia muitas críticas não apenas à nomeação do promotor público, mas à presença alemã em Santa Catarina em geral, reproduzindo uma preocupação que há muito era motivo de debates entre a intelectualidade brasileira. Este é o chamado “perigo alemão”, ou seja, a noção de que a criação de bolsões de população alemã, em especial nos estados do sul do Brasil que, ao reproduzir-se sem uma assimilação à população brasileira em geral poderiam tanto desafiar o domínio do Estado-nação brasileiro sobre esses territórios como inclusive facilitar ações imperialistas da Alemanha contra o Brasil, servindo de agentes internos do país estrangeiro (Vogt, 2007). Com a Primeira Guerra Mundial e a entrada do Brasil no conflito do lado aliado após o torpedeamento do encouraçado Macau, esse discurso ganhou força, aumentando a desconfiança para com a população de origem alemã no Brasil (Oliveira, 2012). O jornal, em mais de uma oportunidade, mistura a ocasião da briga entre Knoll e o professor, bem como sua própria oposição ao governador Felipe Schmidt, com a luta travada na guerra contra a Tríplice Aliança.

A respeito do “germanófilo” governador de Santa Catarina, *O Clarão* denunciou, no momento da exoneração de Jorge Knoll do cargo e sua volta a Curitiba, sua relação com Schmidt. Segundo os editoriais, Knoll teria enviado um telegrama ao governador publicado no jornal *A Comarca*, editado pelo mesmo, em que lhe dizia “em caso de perigo, conte comigo” (O Clarão, 1917b, p. 3). Apesar dos exageros e do tom sensacionalista da campanha política levada a cabo pelo veículo, a existência de uma relação amistosa entre o governador e Knoll não é estranha. Sua indicação aos cargos públicos, sua circulação nos meios políticos e intelectuais do país e sua inserção no Partido Republicano indica que, provavelmente, construíram uma relação e frequentaram em grande medida os mesmos espaços. Além disso,

³⁵ Todos os Estados do Brasil não conquistados pela Alemanha, fizeram uma limpa expurgando das repartições publicas Estadoes e Federaes e até de estradas de ferro, o elemento pernicioso de espões e traidores do Brasil, os celebrados subtitos do Kaiser.

Aqui onde o governador é allemão de origem e coração continua a manter com o seu bafejo official nas repartições estadoes e escolas publicas os seus patricios da “kultur” como auxiliares do pangermanismo. O mais reles e cachorro allemão Jorge Knoll, promotor publico da comarca da Palhoça que em janeiro do anno passado mandou prender um brasileiro por ter dado um viva ao Brasil, até hoje continua no exercício pleno desse cargo para castigar a todos os “colonos brasileiros” que não adherirem e vivarem a Allemanha!

o fato de ambos serem parte da comunidade teuto-brasileira e o prestígio cultural que Knoll gozava frente a essa população é também digno de nota.

De qualquer maneira, Georg Knoll foi exonerado no fim de 1917 do cargo de promotor em Palhoça. Seja pela pressão política exercida pela imprensa e pela ocasião da guerra, seja pela recente saída de coronel Albuquerque do governo de Curitiba, que pode ter virado os ventos da política novamente a favor do velho prussiano, Georg Knoll despediu-se de Palhoça e voltou a Curitiba:

A todos os meus amigos da comarca da Palhoça, grandes e pequenos, ricos e pobres brancos e pretos, nacionais e estrangeiros, católicos e protestantes, um saudoso abraço de despedida. Desculpem-me que não o fiz pessoalmente para evitar uma comoção prejudicial à minha saúde já bastante abatida. Não me esqueçais como também não me esquecerei de vós. Aos meus poucos desafetos desejo milhares de felicidades.

Caminho da Serra, em 24 de Novembro de 1917 (O Clarão, 1917b, p. 3).³⁶

Georg Knoll, pelo que parece, passou por momentos de dificuldade com o estourar da crise em Curitiba e com a guerra contra a Alemanha, tendo sofrido represálias comuns aos imigrantes teutos do período. É possível observar também que a passagem por Palhoça parece uma espécie de ponto fora da curva em sua trajetória, marcada por ter seguido as regiões de expansão da fronteira agrícola pelo interior do Estado, agora se viu no litoral, em um local de ocupação mais consolidada.

3.2.5 “O diabo que more em Curitiba”: de volta ao Planalto

Enquanto Georg Knoll estava em Palhoça, a situação em Curitiba evoluiu. O Coronel Albuquerque foi muito desprestigiado com a ocupação da vila pelos rebeldes do Contestado. A oposição que permanecia na cidade, ligada a Henriquinho e aos Sampaio, responsabilizava o coronel pela revolta sertaneja. Isso também encontrou eco na ação de militares que atuavam contra a revolta, como o Capitão Vieira da Rosa, que pediram o afastamento de Albuquerque da superintendência com o objetivo de pacificar o município, já que consideravam a polêmica em torno de sua figura um fator que dificultava a estabilização

³⁶ A todos os meus amigos da comarca da Palhoça, grandes e pequenos, ricos e pobres brancos e pretos, nacionais e estrangeiros, católicos e protestantes, um saudoso abraço de despedida. Desculpem-me que não o fiz pessoalmente para evitar uma comoção prejudicial a minha saúde já bastante abatida. Não me esqueçais como também não me esquecerei de vós. Aos meus poucos desafetos desejo milhares de felicidades. Caminho da Serra, em 24 de Novembro de 1917.

da região (Morais, 2024). Além disso, há neste momento a troca do governo estadual. Findo o mandato do padrinho de Albuquerque, Vidal Ramos, chegou ao poder Felipe Schmidt, indicado ao governo por seu primo Lauro Müller (Carvalho, 2009) que já não estava disposto a apoiar Albuquerque. Nesse sentido, o coronel se viu isolado e desprestigiado (Machado, 2004, p. 311).

Nesse contexto, foi realizada uma eleição para a Superintendência Municipal em 1915, na qual o Partido Republicano, reunindo situação e oposição, elegeu uma chapa única sob o nome de Marcos Gonçalves de Farias, antigo presidente do Conselho Municipal que atuou com apoio de Vieira da Rosa como superintendente substituto na ausência de Albuquerque. Embora afastado do executivo pessoalmente, os companheiros de Albuquerque continuaram a exercer influência na política municipal e a perseguir seus opositores, incluindo o restante da família Sampaio que ainda permanecia em Curitiba (Morais, 2024). Gonçalves de Farias governou até dezembro de 1918, em um contexto de permanente disputa entre a ala de Almeida e a de Albuquerque, que foi assassinado por seus rivais em 1917 (Machado, 2004, p. 314). É neste momento de intensas disputas que Georg Knoll voltou a Curitiba após sua estadia em Palhoça:

Não há município nenhum no Estado que tenha a registrar maior número de atentados individuais, como o município de Curitiba.
 Todos os dias, fazem algo para que a justiça ande em palpos de aranha. Há tempos assassinaram o Albuquerque, depois disso outras tentativas de morte apareceram. Agora é o sr. Jorge Knoll que está no embrulho. Pediu ao exmo. sr. Governador, garantias de vida, seguindo para ali o sr. capitão Amaro que foi alvejado em pleno mato por tiros de Mauser.
 Até quando irá isso...
 O Diabo que more em Curitiba (Actualidade, 1918, p. 3).³⁷

Ao que parece, o momento ainda era de conflagração no município, e novamente o alemão sofreu um atentado contra sua vida. Tendo em vista a presença de elementos ligados a Albuquerque na vida política municipal, inclusive permitindo a vitória de seu filho, Euclides Albuquerque no ano seguinte, talvez, assim como em Lages, possamos culpar por este

³⁷ Não há município nenhum no Estado que tenha a registrar maior número de atentados individuais, como o município de Curitiba.

Todos os dias, fazem algo para que a justiça ande em palpos de aranha. Há tempos assassinaram o Albuquerque, depois disso outras tentativas de morte apareceram. Agora é o sr. Jorge Knoll que está no embrulho. Pediu ao exmo. sr. Governador, garantias de vida, seguindo para ali o sr. capitão Amaro que foi alvejado em pleno mato por tiros de Mauser.

Até quando irá isso...

O Diabo que more em Curitiba.

acontecimento o acirramento das disputas pelo poder em um momento de instabilidade por atores que pudessem considerar sua presença indesejável. Isto, seja por sua relação familiar com os Sampaio, pelo papel cumprido por seu filho na crise de 1913, seja por sua relação próxima a Henriquinho e a um poder estadual que agora era hostil ao antigo grupo governante, e que poderia muito bem agir para alijá-los do poder.

Sua ruptura com o “albuquerqueismo” se tornou absolutamente evidente na ocasião da eleição municipal de 1920. Consta no jornal *O Dever* de Laguna a coligação realizada entre Henriquinho de Almeida e o “velho” Georg Knoll para “combater a oligarchia”, a “massa fallida” do “antigo partido Albuquerqueista” (*O Dever*, 1920, p. 2-3), que apostava na eleição de João Severo de Oliveira, antigo membro do Conselho Municipal (Morais, 2024). Desde então, o nome de Knoll aparecerá muitas vezes ao lado do de Henriquinho, ao fundar e dirigir Centro Político Hercílio Luz, organização política em prol do novo governador, eleito em 1918, na cidade (*República*, 1921, p. 1), bem como na direção do Partido Republicano, reunificado em torno de Hercílio em 1922 (*República*, 1922, p. 1). Assim como Curitiba passou por uma transformação política com a queda de Albuquerque e a chegada de Henriquinho, Santa Catarina também vivenciou um realinhamento político, e Georg Knoll parece tê-lo seguido. O grupo oligárquico “ruralista” protagonizado pela família Ramos e Lauro Müller perdeu espaço para Hercílio Luz nas eleições de 1920, que voltaria a dominar o panorama político do Estado em aliança com Adolpho Konder, inaugurando a hegemonia deste grupo que duraria até a década de 1930, com a tomada do poder por Getúlio Vargas e a nomeação de Nereu Ramos como interventor federal em Santa Catarina (Moraes, 2012).

3.3 GEORG KNOLL NO OESTE

3.3.1 De Chapecó a Cruzeiro

Em algum momento após 1922, Georg Knoll foi enviado para Chapecó para atuar como promotor público novamente. O seu primeiro registro na região consta no jornal *República*, órgão do Partido Republicano em Florianópolis, que cita que o velho prussiano havia sido removido de Chapecó para Cruzeiro (atual Joaçaba) para atuar na promotoria em 1928 (*República*, 1928, p. 3) por ordem do então governador Adolpho Konder. Estes municípios se situam no Oeste Catarinense, no caso de Chapecó, e no Vale do Rio do Peixe, no caso de Cruzeiro. Essas regiões, à época, eram alvo de intensos conflitos sociais e estavam

em um contexto de construção de uma presença administrativa catarinense, visto que esses territórios, em especial a oeste do Rio do Peixe, haviam sido recentemente anexados por Santa Catarina.

Isso se dá porque, até 1916, esta região encontrava-se em litígio entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Além disso, era uma região de fronteira que havia sido conquistada sobretudo pela formação de colônias militares como Chapecó e Chopim, para assegurar a região contra as ambições argentinas³⁸ (Myskiw, 2015). Nesse sentido, excluindo-se os vilarejos de ocupação, a região era, também, um grande fundo de território habitado, como ressaltado por Radin (2006), majoritariamente por posseiros caboclos e povos indígenas, com pouca presença do Estado.

Seguindo o objetivo de assegurar a posse do território frente à Argentina, foi construída no fim do século XIX a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), que cortou a região margeando o Rio do Peixe visando a mobilização ágil de grandes contingentes de tropas para a região sul do Brasil. Mas, para além disso, a estrada de ferro também serviu ao crescente interesse de ocupar e integrar as regiões sertanejas, os fundos de território, à exploração econômica. A forma como a ferrovia foi construída e as ações da empresa que a construiu são reveladoras deste processo de ocupação. A *Southern Brazil Railway Company*, de origem norte-americana, foi agraciada, como pagamento das obras, com uma faixa de quinze quilômetros para cada lado do leito da linha férrea para sua exploração econômica, a qual seria destinada para a colonização e exploração madeireira (Tomporoski, 2013).

A construção da ferrovia significou a expropriação de amplas parcelas de posseiros de suas terras, que passaram a ser considerados “intrusos”. Nesse sentido, foram expulsos à força para abrir lugar à exploração do território (Tomporoski, 2013). Esta população sem terra, segundo Paulo Pinheiro Machado (2023), foi uma das protagonistas da Guerra Sertaneja do Contestado (1913-1916), importante insurreição camponesa que agrupou, entre outros grupos, os camponeses expropriados dessa região em uma luta pela terra, atacando estações da estrada de ferro e que foi encerrada em uma intensa e violenta repressão estatal. Para além da convulsão social, também foi alvo de intensos conflitos por terra nos anos que se seguiram.

³⁸ A atual região oeste catarinense e sudoeste paranaense, entre os rios Iguçu e Uruguai, era conhecida pelo nome de Campos de Palmas. Durante boa parte do século XIX, a Argentina reclamava para si a região por uma divergência na definição das fronteiras estabelecidas entre as colônias portuguesas e espanholas na bacia do Prata ainda no século XVIII. A questão foi resolvida por arbitragem internacional em 1895, tendo o presidente norte-americano Cleveland decidido em favor do Brasil. Durante o processo de litígio, o então governo imperial decidiu por iniciar uma ocupação da região, enviando soldados, junto de suas famílias, para que criassem colônias e assegurassem a posse do território (Myskiw, 2015). Boa parte dessa mesma região, entre os rios Iguçu, Uruguai e Peixe, posteriormente, teria sua posse contestada entre Paraná e Santa Catarina.

Demerval Peixoto (1920), militar que participou da campanha contra os rebeldes, chamou a atenção que a repressão e derrota do movimento do Contestado e a resolução do litígio fronteiro entre Santa Catarina e Paraná em 1916 não haviam pacificado a situação. Ambos os estados haviam concordado em dividir a região ao meio, porém fazendeiros paranaenses e catarinenses, descontentes com o acordo, continuavam a mobilizar forças e desestabilizar a região, “era a ambição cega, o impatriotismo de políticos, o desvario e a mesma irresponsabilidade que conduzira os matutos à anarquia das guerrilhas” (Peixoto, 1920, p. 781).

Cristina Dallanora (2023) analisa a situação da região durante a década de 1920. Este período continuou a ser marcado pela violência no campo e o chamado “banditismo”, sendo tanto revoltas e ocupações de terra por posseiros e a permanente mobilização de grupos armados, sejam de remanescentes do Contestado ou de grupos políticos não alinhados ao governo estadual. O fato é que o governo de Santa Catarina, já há muito tempo, preocupava-se com a região oeste do estado e com a dificuldade em controlá-la. José Carlos Radin (2006) observa que a colonização era tida como uma peça chave tanto para o desenvolvimento econômico da região, seguindo as políticas ruralistas, como também para sua pacificação, possibilitando a substituição, nos termos da época, da barbárie e ignorância do sertão, por uma ocupação por elementos demográficos que trariam a civilização e possibilitaria a geração de riqueza pela mudança do modo de vida no território. A violência e o banditismo, porém, eram tidos como um dos principais empecilhos para a realização deste projeto.

Vale ressaltar que apenas com a resolução da questão de limites que Santa Catarina finalmente foi capaz de instalar uma estrutura administrativa, com a fundação dos municípios de Cruzeiro e Chapecó e de suas respectivas comarcas em 1917, às quais Knoll serviu ao longo das décadas de 1920 e 1930. A maior presença administrativa e, conseqüentemente a maior segurança jurídica sobre a posse da terra, desta forma, possibilitou com que a região fosse alvo de uma intensa imigração e colonização, em especial de famílias provenientes do Rio Grande do Sul e das antigas colônias do Vale do Itajaí (Dallanora, 2023), tanto por parte da subsidiária da *Southern Brazil Railway Company*, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, e outras companhias colonizadoras privadas com incentivo do Estado (Radin, 2006).

Georg Knoll, portanto, foi nomeado para a promotoria, assim como em Curitiba, para tratar de uma região sensível no Estado de Santa Catarina, assumindo comarcas

recentemente criadas, em uma região onde a estrutura administrativa ainda estava em construção. Além do mais, foi nomeado para uma região conhecida pela violência e frequentes conflitos armados, bem como com um forte afluxo de imigrantes e de expansão da fronteira agrícola. Dessa forma, podemos, com as mesmas considerações que tivemos em Curitiba com relação à sua nomeação dentro do regime coronelista, reafirmar sua posição de confiança junto ao Partido Republicano Catarinense, podendo atuar na esfera civil, criminal e em processos relativos à posse de terras em um contexto de intensa ampliação da ocupação do território.

3.3.2 Da sua atuação em Cruzeiro, volta a Chapecó e aposentadoria

Durante sua passagem por Cruzeiro, Georg Knoll continuou atuando na cena política. Lá, aliou-se ao Coronel Manoel Passos Maia, antigo delegado de polícia e Superintendente Municipal de Chapecó entre 1922 e 1929 e de Cruzeiro entre 1927 e 1930, curiosamente ocupando dois cargos de superintendente por parte deste período. Passos Maia era um personagem emblemático do oeste catarinense. Gaúcho, havia sido indicado como chefe de polícia em Chapecó em 1922 por ordem de Hercílio Luz e Adolpho Konder, ficando responsável por atuar em toda a região. Foi responsável pelo combate aos tenentes, bem como a grupos armados comandados por lideranças remanescentes do Contestado (Dallanora, 2023). Nesse sentido, adquiriu a fama de ter “restabelecido a ordem” na região, permitindo a continuidade dos fluxos migratórios (Radin, 2006). A transferência de Georg Knoll para Cruzeiro em 1928 também pode indicar essa aliança por coincidir com a posse de Passos Maia da Superintendência do município no ano de 1927. Dessa forma, é possível que haja relação com essa mudança da administração, tendo Knoll acompanhado o coronel para Cruzeiro.

Em 1929, o jornal *República*, órgão do Partido Republicano em Florianópolis, noticiou a participação de Georg Knoll na fundação do Conselho Rural de Cruzeiro, ao qual foi incorporado como membro. Sob os auspícios de Passos Maia, escolhido como presidente honorário (*República*, 1929b, p. 4), o conselho tinha como objetivo “intensificar a lavoura nesta rica e próspera região” (*República*, 1929b, p. 2). Nesse sentido, Georg Knoll parece ter-se apresentado, assim como em Curitiba, como um agente promotor das práticas modernas na agricultura no bojo das políticas ruralistas e de integração do sertão. Vale ressaltar que, segundo Radin (2006, p. 147-148), ocorriam neste mesmo momento discussões

no MAIC acerca das formas de plantio realizadas pelos colonos, ressaltando-se a necessidade de que estes aderissem a formas modernas de cultivo, com o uso de fertilizantes para uma cultura mais intensiva da terra, bem como evitar as queimadas e o desmatamento excessivo dado o risco de esgotamento da fertilidade do solo.

No mesmo ano, o velho prussiano é citado no jornal *República* (1929a, p. 3) junto de Passos Maia na fundação de um comitê em apoio à candidatura à presidência de Júlio Prestes, seguindo a orientação do Partido Republicano Catarinense dirigido por Hercílio Luz e Adolpho Konder, contra a Aliança Liberal de Getúlio Vargas, apoiada por Nereu Ramos (Moraes, 2012). Tal ato antecedeu outra reviravolta política em Santa Catarina, frente à qual Georg Knoll, novamente, pareceu demonstrar sua flexibilidade. A tomada do poder nacional por Getúlio Vargas acarretou na intervenção federal no estado e na nomeação de Nereu Ramos como interventor, marcando o retorno da antiga ala ruralista ao poder. Enquanto forte opositor de Vargas, Passos Maia foi afastado de seu cargo de superintendente pela interventoria (Dallanora, 2023; Bilibio *et al.*, 2017). A queda de seus aliados nos governos municipal e estadual, bem como seu apoio a Júlio Prestes, não significaram um fim para a carreira de Georg Knoll na promotoria. Ele continuou atuando em Cruzeiro até 1932, quando então foi transferido para ser promotor público novamente em Chapecó por ordem de Cândido de Oliveira Ramos, o Secretário de Viação e Obras Públicas, como consta no jornal *República* (1932, p. 7).

A partir de 1930, as menções a seu nome na imprensa são cada vez mais escassas, podendo indicar, também, uma atuação mais discreta do promotor. Seu nome é citado em 1931, uma matéria escrita em sua homenagem por seu amigo, F. W. Brepohl no jornal *Der Kompass* de Curitiba, na ocasião de seu aniversário de 70 anos, na qual o autor conta a história de sua vida e ressalta a importância de sua contribuição para a literatura e cultura teuto-brasileira. Depois, em 1935, é citado no jornal *Gazeta de Florianópolis*, em uma coluna escrita por um antigo aluno seu, da época em que Knoll trabalhava como professor em Campos Novos, contando uma anedota na qual o estudante provocara o “implacável prussiano” e apanhou com uma vara de marmelo (A *Gazeta*, 1935, p. 2).

Por fim, no mesmo ano, foi noticiada no jornal *Cidade de Blumenau* (1935, p. 5) sua aposentadoria, como previsto pela nova Constituição de 1934, que determinava a aposentadoria compulsória a todos os funcionários públicos com mais de 68 anos de idade (Brasil, 1934). Desde então, cessam os registros deste personagem, à exceção da notícia de seu falecimento aos seus 88 anos, embora no jornal conste 90, em 1949, após servir “como

promotor público em Chapecó” e contar com “mais de 30 anos de serviços públicos, havendo exercido também o cargo de promotor público de Curitiba, Palhoça e a advocacia em Campos Novos, residindo, atualmente, em Joaçaba” (O Estado, 1949, p. 3). Georg faleceu em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Na terra que foi o lar de sua família durante as décadas que se sucederam à crise em Curitiba, de José Knoll, sua esposa Horácia e do próprio João Alves Sampaio (Passo Fundo, 1920; 1941). Dessa maneira retornou, no fim de sua vida, à sua parentela, mostrando a permanência de seus laços e alianças familiares formados por ele no Planalto Catarinense.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou reconstituir a trajetória de Georg Knoll a partir da realização de um perfil biográfico, com o objetivo de compreender seu papel enquanto promotor de políticas de modernização agrícola em Santa Catarina e sua atuação junto às elites catarinenses. Como bem colocado por Levi (2006), o trabalho biográfico e o estudo das ações do sujeito possibilita lançar luz tanto sobre as normas sociais em que está inserido que podem ajudar a dar possíveis explicações a respeito das decisões e ações tomadas pelo personagem.

Quando tratamos de sua vida na Alemanha, verificou-se que seus estudos em Geisenheim foram pautados pela evolução, ao longo do século XIX, do pensamento científico e da criação da agricultura enquanto campo do conhecimento acadêmico. As escolas propagadoras deste conhecimento, após o embate entre o legado de Albrecht Thaer e a nova proposta de Justus von Liebig, adotaram uma visão técnico-científica, envolvendo o ensino do conhecimento técnico/prático com a teoria da ciência agrícola, seja a química, a botânica e a biologia. Tal visão corroborava com um movimento de modernização nos Estados alemães que vinha desde antes de Knoll nascer e que já havia se consolidado. Movimento este que se colocava tanto em uma perspectiva tanto epistemológica como econômica.

Se, por um lado, se propunha a superação dos saberes camponeses por aqueles racionais e de teor científico, por outro, este estava a serviço da manutenção do crescimento econômico alemão, da concentração de trabalhadores nas cidades e na viabilidade da indústria. Estava a serviço, além do mais, da lucratividade da agricultura, da transformação da produção agrícola e da unidade familiar camponesa em empresa capitalista que persegue a lucratividade, a intensificação da produção, a eficiência do trabalho sobre a terra e a competitividade no mercado nacional. Nesse sentido, era a educação e essas escolas agrícolas

as que operavam em grande medida esta transformação ao dedicar-se ao convencimento dos camponeses, à transformação de seu modo de vida e a propagação dos saberes validados pelas instituições acadêmicas.

Georg Knoll, apesar de não ser resumido ao seu meio social, interagiu e se criou nele, nesse sentido, constituindo seu *habitus* mediante à socialização e em relação às instituições sociais às quais estava circunscrito, tendo peso em sua visão de mundo. Observamos isso de forma contundente em suas contribuições ao jornal *O Trabalho*. Em suas publicações, o então promotor ecoou um discurso muito similar. Advogou por uma educação agrícola que possibilitasse uma transformação na agricultura nacional, superando os velhos hábitos produtivos voltados à subsistência, para uma produção mais intensiva, atenta à lucratividade e ao suprimento dos mercados. Além disso, também pautava a imigração como uma resposta ao problema do “atraso” na agricultura, visto que esta população, ao “povoar” o dito sertão abandonado, levantaria a produção, daria uso, ou seja valor àquela terra, enriquecendo o país.

Para além de tudo, Georg Knoll tratava o desenvolvimento da agricultura moderna como a pedra fundamental sobre a qual a nação brasileira seria levantada, e de onde viria fundamentalmente sua riqueza e prosperidade. Este discurso não estava isolado, mas ecoava também os planos das elites econômicas e intelectuais do Brasil que buscavam a modernidade, tal qual buscou a Alemanha, e que se confundia com a própria ideia de construção da nacionalidade. Nesse sentido, sua aliança com setores que defendiam a política ruralista não parece fruto do acaso, mas uma escolha política por parte das elites, ao nomeá-lo promotor e professor.

Sua trajetória mostra, tanto nas matérias no *Trabalho*, quanto sua participação no Conselho Rural de Cruzeiro e mesmo na sua permanência enquanto chefe escolar em Curitiba, o papel que cumpriu nesses municípios enquanto promotor das políticas de modernização agrícola junto ao Partido Republicano e o coronelato local. A isto também se soma a distribuição de sementes e sua correspondência com o secretário paulista de agricultura, mostrando que para além de defensor intelectual da modernização, era também um agente ativo deste projeto na prática.

Sua aliança, porém, não se restringiu a apenas um grupo das elites catarinenses. Ao contrário, Georg Knoll passou por uma série de reviravoltas na políticas, desde a Guerra Federalista, quando ainda era um escrivão, a passagem do domínio dos Ramos para a hegemonia de Hercílio Luz e Adolpho Konder nos anos 1920, ou mesmo rupturas com

poderes locais, como com Francisco Ferreira de Albuquerque, na ocasião da crise envolvendo o coronel, a família Sampaio e seu filho, José Knoll. Georg parece ter conseguido navegar com maestria sobre as marés do poder, visto que, apesar de ter passado por todos esses acontecimentos, e mesmo ter enfrentado situações negativas, como atentados à sua vida e campanhas na imprensa de oposição, nunca pareceu estar ostracizado, demonstrando grande flexibilidade. Manteve seu cargo quando saiu de Curitiba, aliou-se a Hercílio Luz na ocasião de sua vitória, e se manteve no mesmo cargo após a Revolução de 1930, mesmo que aliado ao antigo superintendente deposto, oposto a Vargas.

O porquê disso pode residir no fato de sua figura ser útil na promoção da agricultura moderna nas regiões para onde foi apontado, regiões estas, como Curitiba, Chapecó e Cruzeiro, caracterizadas por estarem em franca expansão da fronteira agrícola e da colonização estrangeira, ou seja, regiões sertanejas alvo das políticas de modernização do período. Essa, mesmo com a divisão das oligarquias catarinenses, era uma política de Estado, visto que políticas caracterizadas como ruralistas foram desenvolvidas por vários governos, tanto aliados a Vidal Ramos como Hercílio Luz (Carvalho, 2009). Além disso, não se deve subestimar a dimensão pessoal da ação política. O nome de Georg Knoll tinha certa fama, tanto entre a comunidade teuto-brasileira, que detinha representantes de peso na política catarinense, com Adolpho Konder, Lauro Müller e Felipe Schmidt, mas também é possível que o tivesse em um plano nacional no que diz respeito à agricultura. É sintomático a correspondência com o secretário da agricultura de São Paulo. Talvez daí possa vir também a adesão à sua figura em diferentes momentos políticos.

O prestígio de Georg Knoll nas comunidades de origem teuta se manteve ao longo de sua trajetória, e ele continuou publicando seus escritos ao longo de sua vida em jornais e almanaques. Se colocava de forma clara como teuto-brasileiro, e polemizou com aqueles que, nas colônias, rejeitavam esta identidade em nome da comunidade nacional (*Volksgemeinschaft*) alemã e negavam tomar parte em uma comunidade nacional brasileira. As ações de Georg Knoll e sua adesão ao projeto de modernização do Brasil, nesse sentido, condiz com essa posição e é sintomático de sua identidade. Este projeto, no discurso dominante, carregava em si a construção do Brasil, moderno, capitalista, embranquecido, pelo qual Georg atuou ao longo de grande parte de sua vida.

Este trabalho explorou a trajetória de Georg Knoll com enfoque em sua atuação política e enquanto promotor da modernização da agricultura em Santa Catarina, aspecto até então pouco explorado sobre essa figura, mas poderia ser enriquecedor voltar ao debate no

âmbito literário e antropológico. Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa contribua para que futuramente se realizem novos trabalhos que relacionem a produção cultural deste personagem, a germanidade e o *ethos* colono com o pensamento econômico apregoado por ele enquanto intelectual no interior de Santa Catarina. Além disso, espera-se que se sigam trabalhos a respeito deste personagem que possam ter mais fôlego documental, abarcando seus textos autobiográficos e documentos como ofícios, cartas e requerimentos que possam estar disponíveis em outros acervos não consultados.

FONTES

ACTUALIDADE, Joinville, ano 2, n. 95, 5 dez. 1918, p. 3. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=882755&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=161>. Acesso em: 15 out. 2025.

A GAZETA, Florianópolis, ano 1, n. 136, 30 jan. 1935 p.1. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1935/GAZ1935136.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.

ALMANACH CATARINENSE, Florianópolis, ano 1, 1896, p. 81. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=883468&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=85>. Acesso em: 15 set. 2025.

ALMANAK LAEMMERT: Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro, p. 1369. 1901. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394&Pesq=knoll&pagfis=20752>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ALMANAK LAEMMERT: Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro, p. 1437. 1902. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394&Pesq=knoll&pagfis=22357>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ALMANAK LAEMMERT: Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro, p. 1814-1816. 1913. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394&Pesq=knoll&pagfis=52592>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO MARTIUS STADEN. Aus der autobiographischen Skizze von Georg Knolle, 1 p. 1905.

BREPOHL, F. W. Georg Knoll: Ein Deutsches Dichterleben in Brasilien (Georg Knoll: um poeta alemão no Brasil). **Der Kompass**, Curitiba, ano 29, n. 115, 10 out. 1931, p. 1-2. Arquivo Histórico do Instituto Martius-Staden.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau, ano 11, n. 38, 9 fev. 1935, p. 6. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=882860&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=2381>. Acesso em: 15 out. 2025.

DEUTSCHER POMOLOGENVEREIN. Statuten Verzeichnis der Mitglieder Katalog der Bibliothek. Ludwigsburg: Ungeheuer & Ulmer, 1897. Disponível em:

<https://play.google.com/books/reader?id=tdBBAAAIAAJ&pg=GBS.PP2>. Acesso em: 10 out. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO, Desterro, ano 14, n. 121, 14 jul. 1893, p. 1. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:
<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=887862&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=11302>. Acesso em: 15 set. 2025.

KNOLL, Jorge. Colonização. **O Trabalho**, Curitibanos, ano 2, n. 17, 18 jul. 1908a, p. 1-2. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

_____. A lavoura. **O Trabalho**, Curitibanos, ano 2, n. 23, 12 out. 1908b, p. 2. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

_____. Agricultura. **O Trabalho**, Curitibanos, ano 3, n. 30, 13 jan. 1909a, p. 2. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

_____. Agricultura. **O Trabalho**, Curitibanos, ano 3, n. 31, 23 jan. 1909b, p. 2. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

_____. Ensino agrícola. **O Trabalho**, Curitibanos, ano 4, n. 89, 23 set. 1910, p. 2-3. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

LADE, Eduard von. **Der Obst- und Gartenbau in Monrepos**: Praktische Ratschläge für jeden Monat des Jahres. Wiesbaden: J. F. Bergmann, 1893. 99 p. Disponível em:

LAUCHE, W.. Die Königliche Gärtner-Lehranstalt zu Sanssouci. **Verein zur Beförderung des Gartenbaues in den Preußischen Staaten: Monatsschrift des Vereins zur Beförderung des Gartenbaues in den Königl. Preussischen Staaten und der Gesellschaft der Gartenfreunde Berlins**, Berlim, v. 16, n. 1, p. 380-390, jan. 1873. Bayerische Staatsbibliothek. Disponível em:
<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11034783?page=386,387>. Acesso em: 28 ago. 2025.

LUCAS, Eduard. **Populäre Anleitung zum ländlichen Gartenbau als Mittel zu Erhöhung des Wohlstandes und zur Landesverschönerung**. Stuttgart: Metzler, 1849. 118 p. Bayerische Staatsbibliothek. Disponível em:
<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10300464?page=,1>. Acesso em: 18 out. 2025.

MEMÓRIA TJSC. **Tribunal de Justiça de Santa Catarina**. Arrolamento de Rita Ignez da Conceição. Direito Civil, Sucessões, Inventários, 1915. Disponível em:
<https://atom.tjsc.jus.br/index.php/arrolamento-de-rita-ignez-da-conceicao>. Acesso em: 11 nov. 2025.

O CLARÃO, Florianópolis, ano 4, n. 180, 22 abr. 1916, p. 1. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:
<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885290&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=744>. Acesso em: 15 out. 2025.

O CLARÃO, Florianópolis, ano 6, n. 255, 17 nov. 1917a, p. 4. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885290&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=841>. Acesso em: 15 out. 2025.

O CLARÃO, Florianópolis, ano 6, n. 258, 8 dez. 1917b, p. 3. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885290&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=852>. Acesso em: 15 out. 2025.

O DEVER. Laguna, ano 3, n. 104, 18 jul. 1920, p. 2-3. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885690&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=279>. Acesso em: 15 out. 2025.

O ESTADO, Florianópolis, ano 1, n. 5, 19 mai. 1915, p. 2. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884120&Pesq=%22jorge%20knoll%22&pagfis=21>. Acesso em: 15 out. 2025.

O ESTADO. Florianópolis, ano 35, n. 10443, 22 jan. 1949, p. 3. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884120&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=58110>. Acesso em: 15 out. 2025.

O IMPARCIAL, Lages, ano 2, n. 94, 28 mar. 1903, p. 4. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=888621&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=186>. Acesso em: 15 set. 2025.
Hemeroteca Digital Catarinense.

O TRABALHO. Curitibaanos, ano 6, n. 169, 23 jan. 1913a, p. 2. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

O TRABALHO, Curitibaanos, ano 6, n. 173, 23 abr. 1913b, p. 1. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

O PLANALTO. Curitibaanos, ano 1, n. 1, 1 jan. 1909, p. 4. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=889571&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br>. Acesso em: 15 set. 2025.

PASSO FUNDO (RS). Cartório de Registro Civil 1º Distrito de Passo Fundo. **Registro de Nascimento [de] Ignez Knoll**. Registro em: 8 nov. 1920. p. 149, n. 370. FamilySearch.

Disponível em:

<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9L8-NQXQ?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JKQ-Q4QR&action=view&cc=3741255&lang=pt&groupId=M9S9-TXN>. Acesso em: 6 de dez. 2025.

PASSO FUNDO (RS). Cartório de Registro Civil. **Certidão de Óbito [de] João Sampaio Knoll**. Registro em: 18 mar. 1941. Talão 19, p. 101, óbito n. 3735. FamilySearch. Disponível em:

<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-P3V7-1DFF?view=index&cc=3741255&lang=pt&groupId=>. Acesso em: 6 dez. 2025.

PASSO FUNDO (RS). Cartório de Registro Civil. **Certidão de Óbito [de] Jorge Knoll**. Registro em: 18 jan. 1949. Talão 35, p. 47, óbito n. 6876. FamilySearch. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-P3V7-1FKR?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6YPM-PNPT&action=view&cc=3741255&lang=pt&groupId=>. Acesso em: 6 dez. 2025.

PRÚSSIA (Estado). Königliche Lehranstalt für Obst- und Weinbau. Statut der Königlichen Lehranstalt für Obst- und Weinbau zu Geisenheim (Provinz Hessen-Nassau). **Bibliothek des K. Staatsministerium des Innern für Kirchen- und Schulangelegenheiten**, Berlim, jul. 1872. Bayerische Staatsbibliothek. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11012076?page=4,5>. Acesso em: 15 ago. 2025.

REPÚBLICA. Florianópolis, ano 14, n. 95, p. 1. 20 jun. 1903. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=13152>. Acesso em: 15 set. 2025.

REPÚBLICA. Florianópolis, ano 16, n. 873, 14 set. 1921, p. 1. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=17022>. Acesso em: 15 out. 2025.

REPÚBLICA. Florianópolis, ano 18, n. 1191, 27 out. 1922, p. 1. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=18403>. Acesso em: 15 out. 2025.

REPÚBLICA. Florianópolis, ano 2, n. 541, 18 jul. 1928, p. 3. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=25542>. Acesso em: 15 out. 2025.

REPÚBLICA. Florianópolis, ano 18, n. 861, 13 ago. 1929a, p. 3. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=27874>. Acesso em: 15 out. 2025.

REPÚBLICA, Florianópolis, ano 4, n. 945, 24 nov. 1929b, p. 2-5. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=28663>. Acesso em: 15 out. 2025.

REPÚBLICA. Florianópolis, ano 2, n. 393, 7 fev. 1932, p. 8. Hemeroteca Digital Catarinense. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&pesq=%22jorge%20knoll%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=34458>. Acesso em: 15 out. 2025.

SIEBERT, August. **Der Palmergarten zu Frankfurt am-Main**. Berlim: Verlagsbuchhandlung Paul Parey, 1895. 158 p. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=Qf3mAAAAMAAJ&pg=GBS.PP4&hl=pt>. Acesso em: 16 out. 2025.

THAER, Albrecht D.. **The principles of Agriculture**. Nova Iorque: Bang Brothers, 1852. 4 ed. 551 p.

REFERÊNCIAS

- AXT, Gunter. A Revolução Federalista (1893-1895): guerra civil no Brasil. **R. IHGB**, Rio de Janeiro, n. 179, v. 477, p. 107-136, mai./ago. 2018.
- BILIBIO, R. A. *et al.* (org.). **Centenário do Município de Joaçaba**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2017. 260 p.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192.
- BONOW, Grützmänn Imgart. A literatura em língua alemã em Santa Catarina: a poesia de Georg Knoll. **Travessia**, São Paulo, n. 25, p. 182-202, 1992.
- _____. Almanques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos. **A Dimensões**, [s. l.], p. 71-103, out. 2006.
- BRANCO, Juçara de Souza Castello. **Alemães em Lages**: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas pela memória. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2001.
- BRASIL. Constituição (1934). **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, DF: Presidência da República, 16 jul. 1934. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 10 nov. 2025.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 229-250, 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0011-52581997000200003>.
- _____. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, Tarcísio Motta de. **Coerção e consenso na Primeira República**: a Guerra do Contestado (1912 - 1916). 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2009.
- CASTRO, Moacir Werneck de. **O sábio e a floresta**: a extraordinária aventura do alemão Fritz Müller no trópico brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- CHAYANOV, Aleksandr. Teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: CARVALHO, Horácio Martins de (org.). **Chayanov e o campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 99-137.
- CLARK, Christopher. **Iron Kingdom**: the rise and fall of Prussia, 1600-1947. Cambridge: Harvard University Press, 2006. 776 p.

CLAUS, Paul. **Geisenheim: 1872-1972 - 100 Jahre Forschung und Lehre für Wein-, Obst- und Gartenbau.** Stuttgart, Ulmer, 1972. 260 p.

DALLANORA, Cristina. **Coronelismo e milícias no sul do Brasil.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2023.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FERRARO, Mário Roberto; FIGUEIRÔA, Sílvia. A implantação da agricultura científica brasileira e a presença do modelo estadunidense (1876–1908). **Diálogos**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 122-143, jan./abril 2021.

FERREIRA, Cristina. **Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí.** 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Florianópolis, 1998.

FRANCO, Cristina Alberts. **Georg Knoll (1961-1940): vida e obra.** 2008. Projeto de pesquisa coletiva (USP/Instituto Martius Staden). Disponível em: <https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=27>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GONÇALVES, Irlen Antônio; VERSIEUX, Daniela Pereira. Escrevendo por sobre a terra: as fazendas-modelo em minas gerais (1906-1915). **História da Educação**, [S.L.], v. 19, n. 46, p. 201-222, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/25589>.

GRAY, Richard T. **Money matters: economics and the german cultural imagination.** Seattle: University of Washington Press, 2008. 1 ed. 454 p.

HARWOOD, Jonathan. On the Genesis of Technoscience: A Case Study of German Agricultural Education. **Perspectives on Science**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 329-351, 2005.

HUBER, Valburga. A Literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação.** Blumenau, v. 1, n. 3, p. 277-288, set./dez. 2007.

JONES, Elizabeth B.. Seeing is believing: sites/sights of agricultural improvement in Germany (1840-1914). **Rural History**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 37-51, 29 mar. 2019. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0956793319000050>.

KITCHEN, Martin. **The political economy of Germany, 1815-1914.** Montreal: McGill Queen's University Press, 1978. 1 ed. 304 p.

KOTSUR, V.; KOSTENKO, O.; SIROPOL, S.. The universities of the XIXth century and the spread of agricultural education in Europe. Galați, **Danubius**, n. 18, p. 117-131, 2020.

KOTULLA, Michael. Abschnitt: Verfassungsentwicklung in den deutschen Einzelstaaten (1806-1918). In: KOTULLA, Michael. **Deutsches Verfassungsrecht 1806 - 1918.** Berlin: Springer, 2021. p. 3-604, http://dx.doi.org/10.1007/978-3-662-62952-9_1.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Coronelismo "sem" enxada e "sem" voto: aspectos políticos e sociais do coronelismo no planalto catarinense. **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, vol. 2, n. 4, 2003.

_____. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da Unicamp, 2004. 2 ed. 397 p.

_____. A questão de terras no Contestado: diversidade de conflitos e motivações. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, [S. l.], v. 13, p. 608–626, 2023. DOI: 10.24302/drd.v13.5013. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/5013>. Acesso em: 22 set. 2025.

MACIEL, Janaína Neves. **A Revolução Federalista em Lages**: os conflitos, as alianças e os impactos da guerra na Serra Catarinense (1889-1897). 2025. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2025.

MARCHESI, Greta. Justus von Liebig Makes the World. **Environmental Humanities**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 205-226, 1 mai. 2020. Duke University Press. <http://dx.doi.org/10.1215/22011919-8142308>.

MARCOS, Juan-José. **Fonts for latin paleography**. Cáceres: Editora do autor, 2008. 2 ed. 77p.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas do Mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Unesp, 2010. 568p.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. **Tempo**, [S.L.], v. 13, n. 26, p. 15-31, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-77042009000100002>.

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. Da história das ideias à história social das ideias: entre a renovação epistemológica e a prática historiográfica. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], n. 18, p. 6–27, 2011. DOI: 10.26512/emtempos.v0i18.19887. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19887>. Acesso em: 6 maio. 2025.

MOORE JR, Barrington. **As origens sociais da ditadura e da democracia**: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 532 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e história no Brasil**. São Paulo: HUCITEC/Annablume, 2002.

MORAES, Marcos Juvencio. **As disputas pelo palácio governamental catarinense**: as oligarquias, os autoritários e a instrumentalização do nacionalismo. 2012. 195f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2012.

MORAIS, João Felipe Alves. **As brumas e a lama: O coronelismo e a Guerra do Contestado em Curitiba/SC**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

MYSKIW, Antônio Marcos. Uma breve história da formação da fronteira no Sul do Brasil. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A.. **História da Fronteira Sul**. [S. L.]: Uffs Editora, 2015. p. 43-72.

NUNES, Sara. **Caso Canozzi: um crime e vários sentidos**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, Julia V. T. **Determinando preceitos, educando condutas: a higiene prescrita para e pelos grupos escolares e a sociedade catarinense nos anos 1910**. 2015. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

OLIVEIRA, Márcio. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. [S. L.], **Cadernos Ceru**, v. 23, n. 2, dez. 2012.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado: Episódios e impressões**. Rio de Janeiro: Segundo Milheiro, 1920.

PIERENKEMPER, Toni; TILLY, Richard. **The German economy during the nineteenth century**. Nova Iorque, Oxford: Berghahn Books, 2004. 172 p.

POLUCENO, Wilmar Eduardo. A Guerra do Contestado sob o olhar da imprensa florianopolitana. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2008.

RADIN, José Carlos. **Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão**. 2006, 210 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2006.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). **Anuário Antropológico**, v. 91, 1993, p. 31-63.

_____. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 61-88, out. 1999. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93131999000200003>.

_____. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 121-147, jul./dez. 2004

SILVA E MELLO, Vanessa Pereira da. A Sociedade Nacional de Agricultura em revista: divulgação científica e uso racional da natureza em A lavoura (1897-1926). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 118-130, jan/jun. 2012.

TILLY, Richard; KOPSIDIS, Michael: **From old regime to industrial state**: a history of German industrialization from the eighteenth century to World War II. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

TOMPOROSKI, Alexandre A. **O polvo e seus tentáculos**: A Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao Planalto Contestado, 1910-1940. 2013. Tese (Doutorado) – História, Programa de Pós-graduação em História da UFSC, Florianópolis, 2013.

VOGT, Olgário Paulo. O alemanismo e o “perigo alemão” na literatura brasileira da primeira metade do século XX. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 225-258, dez. 2007.

VOIGT, André Fabiano. **A invenção do teuto-brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2008.

WIELAND, Thomas. Scientific Theory and Agricultural Practice: plant breeding in Germany from the late 19th to the early 20th century. **Journal Of The History Of Biology**, [S.L.], v. 39, n. 2, p. 309-343, jul. 2006. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10739-006-0006-4>.

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque**: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850–1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. 268p.

WOORTMAN, Klaas. “Com parente não se neguceia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, v. 12, n. 1, 1998, p. 11-73.